



EDIÇÃO CRÍTICA DE
FERNANDO PESSOA

VOLUME VII



ESCRITOS SOBRE
GÉNIO E LOUCURA

Tomo II

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Bibliografia

Reúne os livros e os artigos concernentes à obra de Pessoa e a sua tradição editorial, citados na Introdução, nas memórias descritivas, nas notas de rodapé e no Aparato Genético.

- AZEVEDO, Maria da Conceição Fidalgo Guimarães Costa, *Fernando Pessoa, Educador: encontro de si próprio, consciência da missão, fidelidade ao ser*, Braga, APPACDM, 1996.
- CASTRO, Ivo, «Edição crítica de Pessoa, o modelo editorial adoptado», *Um Século de Pessoa. Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- , *Editar Pessoa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- CENTENO, Yvette K., *Hermetismo e Utopia*, Lisboa, Edições Salamandra, 1995.
- COELHO, António Pina, *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Verbo, 1971, 2 vols.
- CONDE, Elsa, «Biblioteca de Fernando Pessoa», *Tabacaria*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa — Contexto, n.º 0, Fev. 1996, pp. 63-119.
- CUNHA, Teresa Sobral, «Fernando Pessoa. Diário (inédito) de 1906», *Colóquio-Letras*, n.º 95, Jan.-Feb. de 1987, pp. 80-95.
- Fernando Pessoa, El Eterno Viajero*, catálogo da exposição itinerante realizada em cinco cidades espanholas. Selecção e articulação do material documental de Teresa Rita Lopes e Maria Fernanda Abreu, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1981.
- Fotobibliografia de Fernando Pessoa*, organização, introdução e notas de João Rui de Sousa; prefácio de Eduardo Lourenço, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Biblioteca Nacional, 1988.
- JENNINGS, Hubert Dudley, *Os Dois Exílios*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida — Centro de Estudos Pessoaanos, 1984.
- LOPES, Teresa Rita, *Fernando Pessoa et le drame symboliste. Héritage et création*, préface de René Etiemble, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian — Centro Cultural Português, 1977.
- , *Pessoa por conhecer, I. Roteiro para uma exposição*, Lisboa, Estampa, 1990.
- , *Pessoa por conhecer, II. Textos para um novo mapa*, Lisboa, Estampa, 1990.
- LUSO SOARES, Fernando, «Notas para a criação da novela policial em Fernando Pessoa», *Investigação, Revista Mensal de Ciência e Literatura Policial*, Lisboa: n.º 1, Maio de 1953; n.º 2, Junho de 1953, e n.º 3, Julho de 1953. [«Notas» reeditadas em *A Novela Policial-dedutiva em Fernando Pessoa*, Lisboa, Diabril, 1976.]

- MEGA FERREIRA, António, *Fazer pela Vida — Um Retrato de Fernando Pessoa, o Empreendedor*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- MIRAGLIA, Gianluca, «Fernando Pessoa. Diários da ‘Terceira Adolescência’», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 3, n.º 3, Set.-Dez. de 1988, pp. 258-260.
- PESSOA, Fernando, *A Educação do Estóico*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.
- , *Aforismos e Afins*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.
- , *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira; preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz, Lisboa, Ática, 1978.
- , *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, introdução de Joel Serão, Lisboa, Confluência, 1945.
- , *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, edição e estudo de Enrico Martines, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- , *Crítica, Ensaios, Artigos e entrevistas*, ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- , *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.
- , *Fausto. Tragédia Subjectiva (Fragmentos)*, ed. Teresa Sobral Cunha, prefácio de Eduardo Lourenço, Lisboa, Presença, 1988.
- , *Heróstrato e a Busca da Imortalidade*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- , *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.
- , *Livro do Desassossego*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Editorial Presença, 1990-1991, 2 vols.
- , *Livro do Desassossego*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio de Água, 1997, 2 vols.
- , *Livro do Desassossego*, recolha e transcrição de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1982, 2 vols.
- , *Mensagem, Poemas esotéricos*, edição crítica coordenada por José Augusto Seabra, Madrid, Archivos/CSIC, 1993.
- , *Moral, Regras de Vida, Condições de Iniciação*, ed. Pedro Teixeira da Mota, Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988.
- , *Obras de António Mora* (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VI.), edição e estudo de Luís Filipe B. Teixeira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.
- , *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1967.
- , *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1966.
- , *Poemas Ingleses*, Poemas de Alexander Search. (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. V, tomo 2.) Ed. João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

- , *Rosea Cruz*, ed. Pedro Teixeira da Mota, Lisboa, Ed. Manuel Lencastre, 1989.
- , *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional*, recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão, introdução e organização de Joel Serrão, Lisboa, Ática, 1979.
- , *Textos Filosóficos*, ed. António de Pina Coelho, Lisboa, Ática, 1968, 2 vols.
- , «The Case of the Science Master», apresentação e organização de Gianluca Miraglia. *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 3, n.º 3, Set.-Dez. de 1988, pp. 43-72.
- , *The Selected Prose of Fernando Pessoa*, ed. R. Zenith, New York, Grove Press, 2001.
- , *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão, introdução e organização de Joel Serrão, Lisboa, Ática, 1980.
- , *Um Jantar Muito Original* seguido de *A Porta*, ed. Maria Leonor Machado de Sousa, Lisboa, Relógio d'Água, 1988.
- Pessoa Inédito*, orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Livros Horizonte, 1993.
- PRISTA, Luís, «“Fernando Pessoa, Educador” — subsídio para uma errata», *Colóquio-Letras*, n.ºs 149/150, Jul.-Dez. de 1988, pp. 392-398.
- , «Pessoa e o Curso Superior de Letras», *Memória dos Afectos — Homenagem da Cultura Portuguesa ao Prof. Giuseppe Tavani*, Lisboa, Colibri, 2001, pp. 157-185.
- NOGUEIRA, Manuela, *Fernando Pessoa: imagens de uma vida*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- REBELLO, Luiz Francisco, *O teatro simbolista e modernista (1890-1939)*, Lisboa, Inst. de Cultura Portuguesa, 1979.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de, *Correspondência com Fernando Pessoa*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio d'Água, 2003, 2 vols.
- SEVERINO, Alexandrino E., *Fernando Pessoa na África do Sul*, Marília, Brasil, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1969-1970, 2 vols.
- SILVA, Maria Manuela Parreira da, *As Cartas de e para Pessoa*, dissertação de doutoramento em Literatura Portuguesa Moderna, Lisboa, FCSH — Universidade Nova de Lisboa, 1998.
- SOUSA, João Rui de, *Fernando Pessoa, Empregado de escritório*, Lisboa, SITESE, 1985.
- TEIXEIRA, Luís Filipe B., *Fernando Pessoa e o ideal neo-pagão*, subsídios para uma edição crítica, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian — Acarte, 1996.
- , *Pensar Pessoa: a dimensão filosófica e hermética da obra de Fernando Pessoa*, Porto, Lello & Irmão, 1997.

Índice topográfico

5-27 ^r	171	Tendo visto com que lucidez	154
13A-34	446	I noticed within myself	445
13A-38 ^r	181	Before concluding I wish to add	166
13A-39 ^r	183	Now, in the whole range of discoveries	168
13A-62 ^r	13	It was a kind of disease	44
13A-71 ^v	468	<i>Wednesday</i>	490
13A-74 ^r	12	How many of us who study psychology	44
13A-74b ^r	175	Dictionary of the E. Language	156
14 ¹ -89 e 90	394	“A Literatura da Decadencia”	380
14 ¹ -98 ^r	87	Psychopathic importance	92
14 ² -47	404	As relações da psiquiatria com a literatura	393
14 ³ -10 ^r	406	<i>A Nova Literatura Portuguesa</i>	396
14 ³ -10 ^v	405	É quase impossivel a um psychiatra	395
14 ³ -36 ^r	145	Hysteria splits personality into two	129
14 ⁴ -1 e 2 ^r	402	<i>A Nova Doença na Literatura Portuguesa</i>	389
14 ⁴ -3	403	A nova corrente literaria portuguesa	392
14 ⁴ 70 ^r	445	A arte de James Joyce	444
14 ⁴ -77 ^r e 78 ^r	431	A degenerescencia nos pre-Raphaelitas	434
14 ⁴ -79 ^r e 79a ^r	154	O romantismo, cujo caracteristico principal	138
14 ⁵ -27 ^r	435	Em Zola	437
14 ⁶ -63 ^v e 64 ^r	469	<i>July</i>	490
14 ⁶ -66 ^v	470	<i>August, 1906</i>	491
14C-46 ^r	430	Em Macaulay	434
14C-49 ^r	398	<i>J. de M.</i>	385
14C-73	432	<i>O caracter □ de Flaubert</i>	435
14C-74	433	Este <i>trait</i> do caracter de Flaubert	435
14D-11 ^r	156	Intuição, loucura e genio	138
14D-15	436	A sombra morbida que veio e continua sobre nós	437
14D-18	437	In Anthero de Q. all — /or almost all/ — is thought	438
14D-19	438	A. de Q. is one of the greatest poets	438
14D-20	439	As poet, purely as a poet	439
14D-21 ^r	440	Anthero’s sonnets require in the reader	439
14D-30 ^r	441	□ acho que, como um todo intellectual e artistico	439
14D-35 e 36	442	A duvida, o martyrio moral	439
14E-15	434	Os grandes idealistas não atacam o burguez	436
14E-75 ^r e 76 ^r	444	<i>A C. de Lucio</i>	442

14E-89 ^r	94	Two factors of Shelley's character	96
15 ¹ -35 ^r	253	<i>Essay on Free-Will</i>	235
15 ¹ -68 ^r	130	Genius is madness	120
15 ³ -11	187	My first objection to Phrenology	170
15 ³ -94 ^r	395	Nordau: psychologo mais atilado do que subtil	381
15 ⁵ -23 ^r	448	Genius an activity of liberation	447
15B ¹ -19	160	<i>Genio e loucura</i>	141
15B ¹ -20 ^r	161	<i>Genio e loucura</i>	142
15B ¹ -33 e 33a	313	Regarding the "cephalic index"	288
15B ¹ -37	311	The character of the Prime Minister of Portugal	286
15B ¹ -44 ^r	399	O misticismo é essencialmente	385
15B ¹ -45 ^r a 47 ^r	400	O misticismo tem 3 formas	385
15B ¹ -52	122	A doença é tão característica	111
15B ¹ -54 ^r	19	Existe na psychologia morbida	48
15B ¹ -61	309	Besides, the startling semi-insane ideas	285
15B ¹ -65	310	The insane criminal commits a crime	286
15B ¹ -66 ^r e 64 ^r	308	<i>Heredity</i> . The heredity of criminals	285
15B ¹ -67	411	Freud's theory is a sort of sublimated phallicism	401
15B ¹ -71 e 72 ^r	135	The question of semi-insanity	123
15B ¹ -76 ^r e 76a ^r	184	Proof a priori of Phrenology as a logical science	168
15B ² -1 ^r	147	A hysteria psychica sendo a base	129
15B ² -3	359	O Psychismo Morbido — suas leis	325
15B ² -35 ^r	186	<i>Phrenology</i> : If we use very much	170
15B ² -50 ^v	580	<i>Livros</i>	606
15B ² -54 ^r	180	<i>Physiognomy</i>	160
15B ² -73 ^r	189	<i>Essay on Impulse</i> — A. Search	171
15B ² -90 ^r	231	<i>Contrast</i>	217
15B ² -93 e 94 ^r	232	<i>Contrast</i>	218
15B ² -95 e 96	233	<i>Contrast</i>	219
15B ³ -1 ^r e 2	392	Hystero-neurasthenia is an organic grafting	375
15B ³ -3 ^r	476	Lombroso	496
15B ³ -60 ^r	169	Hysteric	153
15B ³ -62 ^r	333	<i>Introdução ao estudo da ethopathologia</i>	306
15B ³ -81 ^r a 85 ^r	407	<i>A superstição científica</i>	397
15B ³ -92 ^r	34	Criminal, idiot, madman are atavics	61
15B ³ -94 ^r	648	G. Séailles makes <i>unification</i>	679
15B ³ -98	73	The first, and extremely coarse	81
15B ³ -100	179	<i>Notes on the Nose</i>	159
15B ⁴ -1	357	A forma porque um individuo vê o mundo	324
15B ⁴ -11 ^r	342	Cada nevrose tem o seu modo de /intellectualizar/	211
15B ⁴ -12 ^r	350	O proprio termo degenerescencia	319
15B ⁴ -13	348	Temos: cellulas (1) "lesões" chemicas	319
15B ⁴ -19 e 20	32	<i>Genius</i>	59
15B ⁴ -31 ^r	251	Essential nature of mental disease is disintegration	234

15B ⁺ -36 ^r	144	Epileptic character	128
15B ⁺ -37 ^r	143	All writers on epil. state	128
15B ⁺ -38 ^r	646	“Les conflits de devoirs sont bien connus	678
15B ⁺ -42 ^r	252	Both spiritualism and materialism	235
15B ⁺ -44 ^r	647	The idea that there is no consciousness	678
15B ⁺ -47	607	paranoia — “o desenvolvimento chronico	625
15B ⁺ -49 ^r	412	a forma da paranoia chamada o delirio interpretativo	401
15B ⁺ -58 ^r e 58a ^v	627	<i>Haeckel Anthropogenie</i>	640
15B ⁺ -61	604	July 8: Dagonet: <i>Traité des Maladies Mentales</i>	624
15B ⁺ -64	639	Mercier (Ch.), <i>The Nervous System and the Mind</i>	653
15B ⁺ -67 e 68 ^r	616	<i>Féré. Fam. Névrolog.</i>	634
15B ⁺ -69 e 70	640	We eat and work	654
15B ⁺ -71 ^r	641	<i>Muscular Actions</i>	657
15B ⁺ -79	634	Rapine and murder the first sources of property	646
15B ⁺ -80 a 82	633	<i>Murders through love</i>	644
18-65 ^r e 66 ^r	409	Cinco conceitos predominantes	399
19-4 ^r	71	<i>Goethe</i>	80
19-14 ^r	70	Em arte tudo é licito	79
19-15 e 15a	443	<i>A Immoralidade das biographias</i>	441
19-27 a 29	401	Quem quizesse resumir n’uma palavra	386
19-41 ^r	421	Genius is insanity made sane	423
19-47 ^r a 49 ^r e 15B ⁺ -77 a 79	424	It is a curious circumstance	426
19-58 ^r	423	What portion of genius there may be	425
19-88 ^r	393	The basis of lyrical genius is hysteria.	376
20-6 ^r e 7 ^r	450	One of my mental complications	448
20-51 ^r	452	Hoje, ao tomar de vez a decisão de ser Eu	449
20-56 ^r a 59 ^r	453	Messieurs: Je vous prie d’avoir l’obligeance	449
20-70 ^r a 72 ^r	455	“ASPECTOS”	452
20-74 ^r a 77 ^r	456	Tive sempre, desde creança	455
22-92	35	Since men of genius are of the future	61
23-36 ^r	68	<i>O Genio</i>	77
23-37 ^r	69	<i>Genio</i>	78
23-70 ^r	133	No man is normal, perfect	122
24-14 ^v	599	<i>August, 1906</i>	621
24-120 ^v	182	Microsophy: the Science of the Minute	167
26A-50 e 51 ^r	266	Man is a hysteric animal	246
26A-53 ^r	274	1. J. was either God, or man, or both God and Man	253
26A-69 ^r a 72	270	The meaning of this semi-digression	250
26A-74	273	Really Christ was the spark	253
26A-84 ^r a 86 ^r	275	The idea that /Christ/ was insane	254
26B-14 e 15	269	The fact is that Dr. B.-Sé having found	248
26B-21	271	But Jesus is claimed to be something more	252
26B-22 ^r	272	J. being insane what is his historic part?	253

26B-23	276	Now the abnormality of Jesus	255
26B-29 ^r	264	This pamphlet aims at being	244
26B-31	277	We put it to Dr. B.-Sé	256
26C-11 ^r	278	<i>French</i>	257
26C-12 ^r	279	Jaccoliot: "Les vraies origines de la Bible."	257
26C-29	267	No man is "normal" in an absolute sense	247
26C-36	113	<i>Modern Degeneracy</i>	107
26C-52 ^r	61	Na formula do Concilio	75
27 ² E-20 ^r e 21 ^r	558	Ha trez typos de mentalidade	571
27 ⁷ U-14 e 15 ^r	556	Mas o irmão de Silvares	567
27 ⁷ U-18 ^r	557	Trez especies de suicidio	570
27 ⁸ A ² -21	490	Estudei muito e intimamente a loucura	514
27 ⁸ A ² -24 ^r	491	... Algum de vocês já leu	515
27 ⁸ C ² -4 ^r	551	The thesis, put forth by the madman	556
27 ⁸ C ² -6 ^r	549	A Casa de Saúde de Caxias	555
27 ⁸ C ² -7 ^r	550	E a prova de separação	556
27 ⁸ C ² -8 ^r a 10 ^r	552	"A civilização politica moderna"	556
27 ⁹ D ² -4	474	Now qualities are but the outer works of character.	494
27 ⁹ D ² -15 e 15a ^r	475	"Now, since the usual detective methods	495
27 ⁹ D ² -17 ^r	472	Re: Case of the Science-Master	493
27 ⁹ D ² -61 ^r	481	The Science Master had received a blow	501
27 ⁹ D ² -66	473	<i>First</i> , before the inquest	493
27 ⁹ E ² -1 ^r	536	Marcos Alves — odio aos que seduzem e pedem	546
27 ⁹ E ² -2 ^r	539	O homem moral, *leal	546
27 ⁹ E ² -3	501	Prologo	526
27 ⁹ E ² -4 ^r e 5 ^r	527	Havia dias que andava exaltado, turgido de alma	540
27 ⁹ E ² -6 ^r	532	Epilogo	544
27 ⁹ E ² -7 ^r	528	last chapter	541
27 ⁹ E ² -8	529	last chapter	541
27 ⁹ E ² -9 ^r	541	Marcos Alves	547
27 ⁹ E ² -10 ^r	534	Marcos Alves: No-sexual	545
27 ⁹ E ² -11 ^r	505	Ternura e bondade de M. Alves	529
27 ⁹ E ² -12 ^r	509	□ e atira-se ao rio	531
27 ⁹ E ² -13 ^v	543	— dôr <i>infinita</i>	547
27 ⁹ E ² -14 e 16	530	— /"que bom seria,/" pensou Marcos	542
27 ⁹ E ² -15	503	Episode of the apparently artless girl	527
27 ⁹ E ² -17	504	"Mas que grande besta"	528
27 ⁹ E ² -18 ^r	507	<i>Paranoid Period</i>	530
27 ⁹ E ² -18 ^v	506	Começou a perceber	529
27 ⁹ E ² -19 ^r	508	A carta pareceu-lhe nobre,	530
27 ⁹ E ² -20 ^r	510	O disfarce re Kr.-Ebbing	531
27 ⁹ E ² -21 ^r	517	Relembrou, n'um vislumbre deslumbrado	535
27 ⁹ E ² -22 ^r e 22a ^r	540	M. Alves — analyse	547
27 ⁹ E ² -23	516	Ao atravessar do Rocio para a Rua do Carmo	534

27 ⁹ E ² -24 ^r	502	Principio de M. Alves.	527
27 ⁹ E ² -25 ^r	542	Coadá através d'aquelle som de piano	547
27 ⁹ E ² -26 ^r e 26a ^r	518	Cartas de Marcos Alves	536
27 ⁹ E ² -27 ^r	511	A capacidade que tinham creaturas	531
27 ⁹ E ² -28 ^r	520	Ás vezes tomava-o a anciã de confessar	537
27 ⁹ E ² -29 ^r	519	O meu passatempo habitual	536
27 ⁹ E ² -30 ^r	538	Marcos Alves: trecho Avenida (Rotunda)	546
27 ⁹ E ² -31 ^r	524	Reparou, no decurso dos seus pensamentos	538
27 ⁹ E ² -32 e 33 ^r	525	Quanto elle não daria por poder crêr	539
27 ⁹ E ² -34 e 36	512	<i>Passeio apos a scena do hotel</i>	531
27 ⁹ E ² -35	513	Amaldiçoou Deus chorando	533
27 ⁹ E ² -37 ^r	537	Marcos Alves — O passado na provincia	546
27 ⁹ E ² -38	521	O seu destrambelhamento sexual	537
27 ⁹ E ² -39 ^r	523	Tinha momentos em que de repente	538
27 ⁹ E ² -40 ^r	522	Sentia uma indignação tremenda	538
27 ⁹ E ² -41 ^r a 41b ^r	526	The episode in Rua da Prata with the typist	539
27 ⁹ E ² -42 ^r	531	<i>Fim</i>	544
27 ¹⁰ F ² -1	483	To drive the Professor into	503
27 ¹⁰ F ² -2 ^r	482	<i>Arg.^t A. Prof. character</i>	503
27 ¹⁰ F ² -25 ^r	485	Remorse is the result of a representation	505
27 ¹⁰ F ² -37 ^r	484	Questions regarding the tale	504
27 ¹⁴ V ² 8 ^r e 9 ^r	569	<i>Subj. Relational. Objective</i>	595
27 ¹⁴ V ² -11 ^r a 14 ^r	561	“O homem, como aliás todos os animaes	581
27 ¹⁴ V ² -21 ^r a 23 ^r	562	Ora os crimes são de trez especies	585
27 ¹⁴ V ² -57 e 58 ^r	568	A psychonevrose está como que no “ponto de contacto”	594
27 ¹⁴ V ² -66-70 ^r	572	“Quer isto dizer”, continuo Quaresma	598
27 ¹⁴ V ² -77 ^r	564	Não se extranhe a passividade	590
27 ¹⁴ V ² -79 ^r e 80 ^r	566	A demonstração de que o soldado	592
27 ¹⁴ V ² -81 ^r	565	Um respeito emotivo pela vida	591
27 ¹⁴ V ² -83 ^r e 84 ^r	567	Ha trez neuropsychoses	593
27 ¹⁴ V ² -85 ^r a 88 ^r	563	“Investiguemos”, disse o Dr. Quaresma	587
27 ¹⁴ V ² -89 e 90 ^r	571	O estrategico e o dramaturgo	597
27 ¹⁴ V ² -91 e 92	570	O genio, o louco e o criminoso	596
27 ¹⁶ W ² -24 ^r	553	<i>Prefacio a QUARESMA</i>	561
27 ¹⁶ W ² -35 e 36	554	<i>QUARESMA. Description of him — first tale</i>	562
27 ¹⁸ A ³ -7 a 9 ^r	464	I shall harm the door	486
27 ¹⁸ A ³ -12 ^v a 15 ^v	461	But the door's more than horrible attraction	482
27 ¹⁸ A ³ -16 a 19	460	Now the castle had many corridors	478
27 ¹⁸ A ³ -20 a 22	462	You will have noticed that throughout my story	483
27 ¹⁸ A ³ -25 e 25a	463	She had no sooner asked me this	485
27 ¹⁸ A ³ -40 ^r	466	A dead nothing locked	488
27 ¹⁸ A ³ -42 ^r a 49 ^r			
e 27 ¹⁸ A ³ -30 ^r a 38 ^r	459	<i>The Door</i>	476
27 ¹⁸ A ³ -50	467	Superstition without religion	488

27 ¹⁹ B ³ -4 ^r	497	<i>Na casa de saúde de Cascaes</i>	518
27 ¹⁹ M ³ -8 a 10 ^r	500	A intuição não é senão a socialização	520
27 ²¹ H ⁴ -1 e 2 ^r	486	The reader may like to hear	507
27 ²¹ J ⁴ -1 e 2	488	Doctor William Jones was a man	509
27 ²¹ L ⁴ -10 ^r	574	Instead of story of two Drs. (alienists)	603
28-11 ^r	457	Vou explicar-lhe a maneira de composição	456
28-69 e 70	447	C'est (sans aucune doute) un neurasthénique vésanique	446
28A-1	602	Reading during the month of May	622
36-3 ^v	495	<i>Contos que contribuirei</i>	516
37-31 ^r	498	A beleza é grega	519
48-24 ^r	259	<i>Notas. Notes begin here</i>	240
48-53 ^r	579	W. Bevan Lewis: "A Text Book of Mental Diseases"	605
48A-7 ^r	535	V. do Tempo — um trecho a escrever	545
48A-11 ^r	492	<i>Vicente Guedes</i>	515
48A-14 ^r	493	<i>Vic.^{te} Guedes</i>	516
48A-16 ^r	560	1. A morte na Azinhaga.	581
48A-31	555	<i>O Caso do Quarto Fechado</i>	566
48A-40 ^r	575	Conto do rapazito (alentejano?)	603
48A-42a ^r	576	<i>MS. de um alienista doido</i>	603
48A-52 ^r	494	<i>Vicente Guedes</i>	516
48A-57 ^v	624	It is true that there are degrees in all things	638
48B-6 ^r	1	<i>ESSAYS</i>	33
48B-43 ^r	593	<i>Chronique médicale</i>	611
48B-59 ^v	172	A loucura, longe de ser uma anormalidade	154
48B-62	590	Eucken: (um livro característico)	610
48B-72 ^r	596	<i>Sold — 16-2-1915</i>	613
48B-111 ^r	603	<i>Reading, etc.</i>	624
48B-126 ^r	2	<i>Essays, etc</i>	34
48B-129	191	"Da Necessidade e do methodo da Revolução."	173
48B-132 ^r	261	<i>Empreza Ibis</i>	241
48B-141 ^r	581	Woodworth: "Le Mouvement" (Doin) 4f	606
48B-142	3	<i>Essays and Shorter Works</i>	35
48B-152 ^r	190	<i>Philosophical Essays</i>	173
48C-2 ^r	263	<i>Alexander Search</i>	244
48C-3 ^r	254	<i>Pantaleão</i>	238
48E-29	544	<i>Obras, consoante ditas em 12-1-1914.</i>	548
48G-22 ^r	533	<i>ROMANCES</i>	545
48H-14 ^r	124	Every abnormal mental state	112
48H-18 ^r	7	1. Theoria do Suffragio Politico	39
48H-58	499	<i>Politica e Sociologia</i>	519
48I-5 ^v	451	<i>Regra de Vida</i>	449
48I-24 ^r	577	Conto transcendental sobre o Timido	604
49C ¹ -48 ^r	262	<i>Books</i>	243
54-69 ^r	625	<i>Grasset</i>	639

54-70	626	Seja O O' os O de dois sujeitos	640
54A-23	417	A iniciação é o ministrar	416
54B-20 ^r	59	The man of genius is a left-hand initiate	74
55B-32a ^r	51	<i>Sociologia</i>	67
55C-22 ^v e 22a	365	A questão contra o hygienismo	332
55E-35 ^r	65	Só os grandes genios teem deveres artisticos	76
55G-46 ^r	78	A these foi posta em tempos	85
55G-84 ^r	396	Mas o critico anonymo de Nordau	382
55G-91	120	<i>Imp.te!</i> A degenerescencia psychica	110
55I-9 ^r e 10 ^r	165	O homem é como todo animal	148
55L-22 ^r	114	<i>Modern Deg.</i> ^{cy}	108
55L-29 ^r	408	Dr. J. de Mattos writes so clearly	398
55L-34 ^r	117	A man's duties in a society are threefold	110
66-76b ^r	42	O que é um homem de genio?	63
75-8 ^r	116	(Elemento sexual do instinto artistico)	109
75-72 ^r	410	Os psyquiатras sabem	400
76-12 ^r	378	<i>O Problema de "Shakespeare"</i>	356
76-15 ^r e 16 ^r	377	The important question next arises	354
76-17 ^r	376	<i>Identity of Shakespeare</i>	353
76-18 ^r	375	<i>The Identity of Shakespeare</i>	352
76-32 ^r	387	Skill become temperamental	367
76-33 ^r	388	Skill is here use in the sense	369
76-35 a 37 ^r	386	Of the several ideas	366
76-52 ^r	379	Ha 3 methodos possiveis de analyse psychologica	356
76-53 ^r	380	i. A analyse da ind. mental	357
76-67	389	i. Shakespeare um Poeta	370
76A-9 ^r	79	<i>Shakespeare</i>	86
76A-28 e 29 ^r	374	The common illusion that a man of genius	350
76A-95 ^r a 99 ^r	373	<i>William Shakespeare, Pseudonymo</i>	343
79A-85a ^r e 85 ^r	601	An over hasty consideration	622
90 ² -72a ^r	55	O genio <i>sente</i> antes dos outros homens	71
92E-38 ^r	364	Mental and moral rather than material in aspect	332
92G-35 ^r	303	<i>Franco</i>	276
92H-15	257	A therapeutica naturalmente indicada	239
92H-16 ^r	255	<i>A Psychose Adeantativa</i>	238
92H-17 e 18	256	<i>A Psychose Adeantativa</i>	238
92J-4 ^r	62	Urge crear uma anormalidade organizada	75
92J-71 ^r	288	As condições para a mais alta manifestação do genio	264
92J-73 e 74 ^r	296	<i>Genio</i>	268
92J-90 ^r	290	O tamanho do paiz pouco tem que vêr	266
92J-95	282	A "impassibilidade" dos parnasianos	262
92J-97	281	<i>Psychologia das multidões</i>	262
92L-7	289	Para explicar o apparecimento dos homens representativos	265
92L-14 ^r	286	Analyse do apparecimento dos homens representativos	264

92L-19 a 20	280	<i>Introdução</i>	260
92L-33 ^f	298	O hespanhol é sombrio	269
92L-82 ^f	66	Viver inofensivamente	77
92M-55 ^f	128	<i>Theoria do genio</i>	115
92R-47 ^f	318	Névrálgie épileptiforme	292
92R-50 ^f	305	We see that the first condition	277
92R-52	304	<i>Order</i>	276
92R-55	319	“On constate quelquefois	292
92R-77 ^f	329	<i>Franquism</i>	300
92R-81	591	<i>Study of Literature from Sc.^c Standpoint</i>	610
92R-91 a 95	636	Dr. Julio de Mattos: Alienados criminosos	648
92R-99 e 100	637	Referring to these differences	651
92S-21 a 23	306	Having determined the fundamental analogy	277
92S-24 a 26 e 28	307	In the first place we have to notice	280
92T-52 ^f	316	<i>Index</i>	290
92T-73 ^f	331	<i>Franco</i>	301
93-1 ^f	585	<i>Literature. General</i>	608
93-2 ^f	586	<i>Authors</i>	609
93-3 ^f	587	<i>Psychiatry, etc.</i>	609
93-4 ^f	588	<i>Psychiatry, etc.</i>	609
93-5 ^f	589	<i>Psychiatry, etc.</i>	609
93-48 ^f	317	<i>Livros para escrever a H. of a D.</i>	291
93-57 ^v	582	<i>Science, etc.</i>	607
93-72	4	Genera in Literature	36
93-73 ^v	63	Cada vez mais me compenetro	76
93-78	595	<i>Caixote com livros</i>	612
93-99 ^f	583	Anatomy of the brain. R.	607
93A-59 ^f	332	<i>Nisbet: Marriage and Heredity</i>	301
96-22	422	The first distinction the critic must learn	424
99-14 ^f a 20 ^f	559	Ha trez estados mentaes distinctos	573
100-32 ^f	477	We have now to consider	498
108A-18 ^r	291	O genio é tanto maior quanto mais e mais	266
108A-34 ^r	294	O genio não é uma cousa normal	267
108A-35	283	Especialmente notavel é o facto	263
108A-40	300	De igual □ degenerativo	272
108A-60	295	O genio é uma anormalidade	268
108A-71 ^f	292	John Sterling disse	277
108A-75 a 79 ^f	299	Entre o socialismo e o despotismo	269
108A-89 ^f	330	<i>Notas originaes a Letourneau</i>	300
108A-97 ^f	285	Os homens de genio representativo	263
108A-98 ^f	287	Assim o homem de genio é individualmente	264
108B-1	297	Para que um organismo atinja a plenitude de vida	269
108B-5 ^f	301	<i>Conclusões</i>	273
108B-55 ^f	284	<i>Homens representativos</i>	263

108B-60 a 62 ^r	302	<i>O Conceito de Degenerescencia</i>	273
108B-74	293	Casos que se dão com respeito ao genio	267
110-14 ^r	368	The eugenic movement	336
112-7 ^r	369	Um producto novo	337
113F-46 ^r	606	Le délire d'interprétation	625
113F-52	644	Nordau (Par. Soc. p.20-21)	677
113F-53 ^r	645	<i>Iconoclasta</i>	678
113F-72 ^r	312	"La <i>plagiocéphalie</i> ou asymétrie	287
113F-73 ^r	623	Féré. Epil.	638
113F-74 a 75 ^r	629	The importance of the 'pathologie crim.'	641
113F-76 ^r	322	<i>Heredity</i>	294
113F-77 ^r	138	"Dans tout ce qui s'imprime	124
113F-78	320	<i>Franco</i>	293
113F-79	321	G. Ballet (Traité de M. – Charcot etc.	294
113F-81 ^r	628	"La théorie de la descendance	641
113F-82	609	<i>Dagonet</i> . "Traité des Maladies Mentales."	629
113I-13	323	Maudsley makes a comparison	295
113I-14	325	The born-criminal	296
113I-17 e 18 ^r	326	Again no proper comparison	297
113I-38	314	<i>end</i> (?) of F. ^o chapter	289
113I-39 ^r	612	Yves Delage: "Le Protoplasma etc"	632
113I-42 ^r	615	Faguet: Flaubert	633
113I-55 ^r	655	The peculiar combination of northern intellect	687
113I-60 ^r	652	<i>Tarde</i> , "la bassesse élevée à une haute puissance"	686
113P ¹ -47, 134-79, 79a, 70-74, 68, 69 ^r , 80, 80a ^r , 66, 67 ^r , 49A ¹ -55 ^v ,			
134-58 ^r , 75-77, 56, 78 ^r 643A		associação de ideas por semelhança	658
113P ¹ -50 ^r	653	"... ella (a vida de Anthero) servirá de exemplo	687
113P ¹ -51 ^r	656	Anth. de Q.	688
113P ² -2 ^r	654	Sousa-Martins: Nosologia de Anthero	687
114 ¹ -68 ^r	454	Meu Exmo. Amigo: Creio estar soffrendo um accesso	452
114 ¹ -89 e 90 ^r	129	Meu presado confrade: não posso responder	116
121-2 ^v	638	Só são paranoicos os delirios com	652
123-97 a 99	367	Vagamente o bom senso popular	334
124-43	176	<i>Umbel</i> : a collection of small flowers	156
124-44 ^r	174	<i>Definitions for Dictionary</i>	156
124-47 ^r	177	<i>Snake</i> : An animal with its head	157
124-48 ^r	178	<i>Agamic</i> : dressed — ?	158
125-66 ^r	50	1. Genio é anormal, portanto morbido	67
125A-8	416	Aquillo a que se chama "iniciação"	415
125B-20 ^r	415	O genio é o conseguimento	414
125B-38 ^r	414	Raros são os interpretadores de prophcias	414
126-30	43	<i>Dialogos</i>	64

133A-60 ^r	45	What man of genius	65
133C-68 ^r	324	<i>Remember</i>	296
133D-16 ^r	578	<i>Carta do Interior das Cousas</i>	604
133D-70 ^r	614	<i>Estève — on Seillière</i>	633
133E-63 ^r	173	<i>Mad. Dict.</i>	156
133E-65 ^r	573	Blind man w. mania of persecutions.	603
133E-84 ^r	131	When I consider how real and how true	121
133F-13 ^r	487	<i>Madman.</i>	508
133F-20 ^r	260	<i>Academia dos Alienados</i>	241
133F-27 ^r	548	— 1. Prostituta eterna	554
133F-53 ^v	471	Work for the 3rd September	491
133G-13 ^r e 14 ^r	258	2 arguments Christ	240
133G-100	60	O contacto com o occulto	74
133H-5 ^r	127	<i>A Ciencia da Critica</i>	115
133H-10 ^r	366	Um das formas da saude é a doença	334
133H-11 ^r	121	Nas sociedades actuaes a guerra	111
133H-12 ^r	155	Os sentimentos depressivos	138
133H-16 ^r	219	Let us make a scale of pendular oscillation	201
133H-17 ^r	613	<i>Shelley: An attack (hysterical?)</i>	633
133J-68 ^r	215	evolution v. Spencer	199
134-1 ^r	80	<i>Degeneracy</i>	87
134-2 ^r	25	<i>Observ.^s Genius</i>	52
134-3	109	Genius is like an athlete trained	103
134-4 ^r	18	The healthy man feels a need	48
134-5 a 7	15	A great, superior man	45
134-8	16	<i>Thesis — On the Nature of Genius</i>	46
134-9 ^r	102	<i>D.ⁿ Study on</i>	99
134-10 ^r	99	<i>Essay on Degeneration in Society</i>	97
134-11 ^r	86	There is to be noticed in mental affections	92
134-12 ^r	651	<i>Etiology of Folie de Doute</i>	685
134-13 e 14 ^r	20	Relation between genius and the mania of doubt	48
134-15 ^r	21	The pondering upon the particular beauty	49
134-16 ^r	89	The impulses of unconsciousness	94
134-17 e 54	81	Degeneration, Degeneracy	88
134-18	82	<i>The psychology of "Messianism"</i>	89
134-19	84	In the same conditions	91
134-20 ^r	91	<i>Critique of Nordau's understanding of D.ⁿ</i>	95
134-21 e 22 ^r	88	Romantic poets' desire to trace merely	92
134-23	90	Liking for tales of horror	94
134-24	83	As to pretending to be mad	90
134-25 ^r	92	<i>Transformation of D.^v</i>	95
134-26 ^r	112	<i>Feigning</i>	107
134-27	93	<i>Varia</i>	95
134-28 ^r	106	Between will and obstinacy	102

134-29 ^r	107	Sadism, and assassins <i>par passion</i>	102
134-30 ^r	105	Joy. When we are sad (cf. self)	102
134-31 ^r	108	Laziness, a form of degeneration	103
134-32 ^r	26	The greatest men of genius	52
134-33 a 35	103	Sensations are of two kinds	103
134-36 ^r	101	<i>Duality of Perception and of Effort</i>	99
134-37 ^r	17	Too great love of beauty	47
134-38	137	Incessant cerebral activity alienates the mind	124
134-39 ^r	22	Connection between Mania of Doubt	49
134-40	23	<i>Mania of Doubt</i>	50
134-41	24	Points of resemblance between genius	51
134-42 ^r	115	N.'s therapeutics for	109
134-43	97	E. A. Poe normal in his conventional dress	97
134-44 ^r	95	<i>Essay on Shelley</i>	96
134-45 ^r	96	<i>Shams and artificialities</i>	97
134-46 e 47 ^r	104	<i>Essay on Degeneration (Notes for)</i>	101
134-48 e 49 ^r	28	Metaphysicians are generally ill-understood	54
134-50 ^r	29	The condition of every excitation is a depression	56
134-51 e 52 ^r	30	There are inferior and superior imbeciles	56
134-53	31	<i>The Superior Imbecile</i>	58
134-57 ^r	610	<i>Definitions of D.ⁿ</i>	631
134-59 e 60 ^r	650	<i>Folie du doute avec délire du toucher</i>	682
134-61 e 62 ^r	608	<i>Déchambre. Dictionary</i>	626
134-63 ^r e 64	635	<i>Lombroso: L'homme de genie</i>	646
134-65 ^r	631	"L'originalité poétique de Poe, c'est son mal	643
134-81 ^r	621	<i>Féré: Famille Névropathique</i>	637
134-82 ^r	617	<i>Crime</i>	635
134-83 ^r	619	<i>Genius</i>	636
134-84 ^r	620	Common heredity in hysterism	636
134-85 ^r	618	<i>Degeneracy</i>	635
134-86	622	<i>Féré. (L'Épilepsie p. 239)</i>	637
134-87	167	Ha genio, ou esboço de genio	149
134-88	40	É pela acção central, propulsora, pioneira	63
134-89	151	<i>Genio e loucura</i>	131
134-90 ^r e 91 ^r	58	Antes do movimento romantico	72
134-92 e 93	164	<i>Genius and Insanity</i>	145
134-94 ^r a 95a	53	Complexo? Toda a gente é complexa	69
134-96 ^r	8	Unconsciousness in genius	41
134-97 ^r e 97a ^r	37	<i>Talent and Genius</i>	61
134-98 ^r	38	Genio vem só nas soc. ^s que progridem	62
134-99a /134-99g e 134-101 ^r	381	S. was undoubtedly	357
134-100, 100a	383	There are three types of objective intellect	363
134-101 ^r , 101a ^r	382	1. No narrative poet	362

134A-1	41	Se o homem de génio	63
134A-2 e 3	153	Duas considerações ha a fazer	136
134A-4a ^r	67	A terrível clareza de ver	77
134A-5 ^r	170	Disse uma vez a Sá Carneiro	153
134A-6 ^r	39	— Genio é uma anormalidade representativa	62
134A-7	9	<i>Characters of Men of Genius</i>	41
134A-8 a 10	168	<i>Genio e loucura</i>	150
134A-11 ^r e 12 ^r	48	<i>O Genio e o Talento na Sociedade</i>	65
134A-13 ^r	49	<i>Genio e Talento</i>	66
134A-14	52	<i>Sociol. Lit.</i>	68
134A-15	489	<i>Viagem Espiritual</i>	511
134A-16 ^r	157	Análize do genio e da loucura	139
134A-17 ^r	334	O exaggero da <i>tendencia</i>	306
134A-18 ^r	158	<i>Homens notaveis</i> não são homens de genio	139
134A-19 e 19a	152	<i>Classificação</i>	132
134A-20 e 21 ^r	132	The problem of the relations of genius and of insanity	121
134A-22	159	<i>Genio e loucura</i>	139
134A-23	384	Genius is the coexistence	364
134A-24 e 25 ^r	385	<i>Genius</i>	365
134A-26 ^r	370	Tanto quanto nos permitem fazer qualquer afirmação	338
134A-27 ^r	371	O que essencialmente distingue os leigos em sciencia	339
134A-28 ^r	372	Sendo eguaes todas as outras circunstancias	339
134A-29 ^r	74	What strikes us in a contemporary	81
134A-30 ^r	75	Se houvessemos de buscar	83
134A-31 ^r	76	Ora o que é a serie de facilitações da vida	83
134A-32 ^r	77	<i>O Genio</i>	84
134A-33 ^r	72	O momento tem por vezes genio	80
134A-34 ^r e 35 ^r	163	O problema das relações,	143
134A-36 ^r	149	Nietzsche era doido. Como Christo	130
134A-37 ^r	100	Note on degenerate “aesthetes” and “decadents”	99
134A-38 ^r	118	A degenerescencia é o regresso	110
134A-39	605	On Function and Structure (as I talked of them)	624
134A-40	136	Genius may coexist with but a common intellect	124
134A-41 ^r	390	<i>Genius: (classification)</i>	371
134A-42 ^r a 45 ^r	391	Architecture is more impressive	372
134A-46 ^r	64	A strong artist kills in himself	76
134A-47	148	<i>Genio e loucura</i>	130
134A-48 ^r	425	Uncommon intellectual abilities	430
134A-49 ^r	426	Genius is, so to speak, generalized or abstract insanity	431
134A-50 ^r	427	A man of temperament	431
134A-51 ^r	428	Genius, talent and sup. int.	431
134A-52 ^r	429	The mind receives and elaborates impressions	432
134A-53 ^r	119	<i>degenerescencia e acção</i>	110
134A-54 ^r	360	O <i>genio</i> será o trabalho do polygono dissociado de O	325

134A-55 ^r e 56	362	<i>Prefacio extranbo à obra</i>	330
134A-57 ^r	363	<i>Escravatura</i>	331
134A-59 ^r	126	Para o psicologo	115
134A-60	341	Genio = Varias nevroses	311
134A-61	449	L'être le plus conscient	448
134A-62 ^r	220	<i>Nature of Degeneracy</i>	202
134A-63	139	<i>Genius</i>	126
134A-64	335	O estudo do genio deve começar	306
134A-65 e 133J-35 ^r	347	<i>Etiologia da degenerescencia</i>	0
134A-66	352	1. Na sciencia da vida	320
134A-67 ^r	338	O genio philosophico	307
134A-68 ^r	140	How short sight is beneficial	127
134A-69 ^r	216	<i>Scientific</i>	199
134A-70 ^r	630	"Or cette perpétuelle alternance d'une dépression	643
134A-71			
e 134B-13 e 14 ^r	230	Case of the nature of degeneration	214
134A-72 ^r	85	<i>Theory of degeneration</i>	91
134A-73	345	<i>Stigmata mentaes de degenerescencia</i>	312
134A-74	141	Theories of Lombroso, Moreau de Tours on genius	127
134A-75 ^r	221	The metaphysical intellect is morbid	203
134A-76 ^r	36	<i>Note on Genius</i>	61
134A-77 ^r	110	<i>Poetry as a form of deg.^{cy}</i>	104
134A-78 ^r	344	Genio poetico	312
134A-79 ^r	336	Genios que são inextricavelmente doidos genios	307
134A-80	340	Theoria regressiva do genio	311
134A-81 ^r	162	<i>Genio e loucura</i>	142
134A-82 a 84 ^r	642	Goethe (<i>Mezières</i>)	658
134A-85 e 86	339	A differença que ha entre a loucura e o genio	308
134A-87	356	A cytula não transmite tuberculose	322
134A-88 ^r	142	<i>Genius is a neurosis</i>	128
134A-89 ^r	250	All life a synthesis and a unity	234
134A-90 ^r	351	Juntava-se a este facto um outro	320
134A-91 ^r	134	What then — I have heard asked — is a normal poet?	122
134A-92 ^r	343	Para sentir o mysterio da existencia	312
134A-93 ^r	354	Herda-se, physica e moralmente	325
134A-94 ^r	223	L'inconscient et la poésie	205
134A-95	27	L'activité de synthèse	53
134A-96 ^r	218	Nevertheless these considerations	201
134A-97	222	(1) Consciousness of exterior things	203
134A-98 ^r	98	In a popular sense deg. ⁿ means	97
134A-99	327	<i>Génie et crime</i>	298
134A-100 ^r	328	<i>Épilepsie</i>	299
134B-1 ^r a 3 ^r	125	<i>Genio e Degenerescencia</i>	114
134B-4	353	Estructura	321

134B-5 ^r	355	Ha uma maneira hygida de herdar	322
134B-6 ^r	349	Toda a idéa reponta do humus da sensibilidade	319
134B-7 ^r	337	Os mais degenerados	307
134B-8	346	Outros chamam attenção para factos	315
134B-9 ^r	358	O chimismo	324
134B-10 e 11	111	Expressions that prove the morbid	104
134B-12	361	In all men there is a part of C. ^{ness} and one of unc. ^{ness}	327
134B-15 ^r	465	Tem se dito que o genio é loucura	488
134B-16 e 17 ^r	217	There is a relation between imagination	199
134B-18 ^r	150	Les criminels génies	131
134B-19 ^r	44	O dictum de Pope	64
134B-20 ^r	54	Simplicidade genial	71
134B-21 ^r	123	Regressive theory of genius (absolute)	112
134B-22 ^r	33	Men of genius and criminals	60
134B-23 a 25 ^r	268	Since some time, and specially	248
134B-26 ^r	265	Effects of an insane man's preaching	246
134B-27 e 28 ^r	480	"As, however, the appearance	500
134B-29 ^r	611	<i>Causes of D.</i> "	631
134B-30 ^r	47	<i>A Natureza do Genio</i>	65
134B-31	10	<i>Genius</i>	43
134B-32 ^r	479	Crime of course committed in the simplest manner	499
134B-33 e 34	478	Prove that criminal knew	498
138-22 ^r a 24 ^r	418	Message to Millionaires	419
138-25 ^r	419	How many of you have a harem	421
138-26 ^r	420	You might not be able to help genius	421
138A-62 a 64 ^r	397	<i>Inq.^{to}</i>	382
138A-79 ^r	14	The artist may be away from men	45
138A-80 ^r	188	Speaking to the phrenologist	171
138A-81 ^v	185	Phrenology does not account	170
144D-1 a 3 ^r	5	<i>Portuguese works</i>	37
144G-29 ^r	547	<i>B. Soares</i>	553
144G-30 ^r a 32 ^r	546	Devemos a essas circumstancias	551
144G-38 ^r e 39 ^r	545	Primeiro Fausto	549
144I-8 ^v a 12	649	Caractères spéciaux du <i>délire</i>	680
144I-12 ^v , 13 ^r	594	Grasset: Article in <i>Dict. des Sc. Méd.</i>	612
144I-20 ^r	632	"très-souvent la folie confirmée	644
144J-1 ^r e 2 ^r	234	Notes on Literary Men	221
144J-2 ^r	235	Degeneration is the contrary process to evolution	222
144J-7	236	Discours socialiste. (Suive des Satires.)	222
144J-8 ^r	237	My thoughts are at some moments	224
144J-19 e 20	238	Proof of contrast	224
144J-23 ^v	239	Relation of the Psychic and Physiological process	226
144J-24 ^v	241	Relations of genius w. madness	227
144J-25 ^r	240	Psychopathics of ↙	226

144J-27 ^r	242	<i>City of Laughter</i>	228
144J-29	243	<i>Titre des Satires</i>	228
144J-30	244	<i>The psychological bases of metaphysical systems</i>	229
144J-31 a 33 ^r	245	<i>Idealism</i>	230
144J-35 ^v	246	Idealism, as in Plato	231
144J-45 ^v e 46 ^r	247	Free-will exactly a theory included in dualism	232
144J-46 a 49 ^r	248	<i>Free-Will</i>	232
144J-49 ^v	249	Intellectuality of Napol., of J. F., of all ruseurs	234
144M-15 ^r	46	My feeling that finality	65
144M-16 e 17 ^r	514	V. não tem ideias sobre esse ponto	534
144M-18 ^r	515	Passára o dia a lêr os sonetos de Anthero	534
144M-31 ^r	146	"A inspiração /poética/ é um delírio equilibrado"	129
144M-43 ^v a 45	315	<i>F.^o and his party</i>	289
144N-13 a 17 ^r	598	Reading Diary	618
144N-17 ^v e 18 ^v	600	<i>Diary of reading.</i>	621
144N-21	584	Fundamental	608
144N-22 ^v e 23 ^r	11	Cephalic Indices of men of genius	44
144P-79 ^r	56	<i>Genio</i>	71
144P-81 ^v	166	A philosophia é a lucidez intellectual	149
144T-24 a 30 ^v	224	<i>The Process of Human Degeneracy</i>	207
144T-45 ^r	225	Essay on Genius	211
144T-50 ^r	226	Deg. ^{cy} as expressed by Algebra	212
144T-52 ^r	227	<i>Ultimus Joculatorum</i> , or another good title	212
144T-56 ^r	228	Human complete sanity and health	212
144T-59 ^r	229	<i>Degeneracy by Algebra</i>	214
144Y-37 ^r	597	Dr. Gaston Loygue: Th.-M. Dostoiewsky	614
144Z-1 ^r	192	Degeneracy is distinct from illness (physically)	175
144Z-1 ^v e 2 ^r	193	All study of life must have its basis	176
144Z-2 ^v a 5 ^r	194	<i>Genius and madness</i>	177
144Z-6	195	<i>Creative Imagination</i>	179
144Z-7	196	<i>Species of genius</i>	180
144Z-8 ^r	197	<i>Relations betw. Nerv. Dis.</i>	181
144Z-8 ^v	198	<i>Forms of egoism</i>	181
144Z-9	199	Characteristics common to Neurasth.	182
144Z-10 ^r	200	What is there in genius of greatness?	182
144Z-10 ^v	201	<i>Essay on Cerebralisation</i>	183
144Z-11	202	Pantheism is the philosophy of artists	183
144Z-12 ^r	203	Just as there is epilepsia larvata	184
144Z-13 e 14 ^r	204	To know what the normal is	185
144Z-14 ^v e 15 ^r	205	The problem of abnormality	186
144Z-16	206	<i>Degeneracy</i>	187
144Z-17 ^r	207	— Imagination linked to dreams	188
144Z-17 ^v	208	Woman less sensitive, at least physically, than man	188
144Z-18	209	/Neurasthenia/ and the characteristic of genius	189

144Z-19 a 22	210	Hysteria is the nervous state generally produced	189
144Z-23 ^r	211	Between strong repugnance for an action	194
144Z-23 ^v a 26 ^r	212	J'ai été anarchiste, aux 17 ans	195
144Z-26 ^v	213	Is Dg ⁿ not development with alteration of function	197
144Z-26 ^v	214	When thou sayest "Nothing exists"	198
144A ² -7 ^r	592	Julio Dantas: "Pintores e Poetas de Rilhafolhes"	611
144D ² -9 ^r	6	1. Razões para aderir à politica de Af. Costa	38
144D ² -16 ^v	496	<i>Contos paradoxaes</i>	517
144D ² -97 ^v e 98 ^r	57	<i>Genio</i>	71
E/15, caixa 10	458	Meu presado camarada: Muito agradeço a sua carta,	457
<i>sem cota</i>	413	Meu querido Gaspar Simões: Muito obrigado	402

Índice onomástico

A

Addison, Joseph, 619, 623
Agostinho, Santo, 746
Akenside, Mark, 184
Alexander, Alexandre (o Grande), 416
Almeida, Antonio José d', 291
Amaro, Carlos, 408
Amiel, Henri-Frédéric, 52, 338
Andreiev/Andreieff, 742
Anon, Charles Robert, 42, 157, 170, 446,
490, 492, 779
Antunes, Faustino, 446, 890
Apell, Alfredo, 48
Aquinas, Thomas, 622
Aristóteles/Aristotle, 84, 187, 622
Arnaud, F.-L., 673
Arndt, Rudolf, 688
Aubry, Paul, 664

B

Bacon, Francis, 71, 73-74, 84, 266, 341-344,
346, 349, 355-356, 415, 901
Baillarger, Jules, 683, 685
Baldaya, Rafael/Raphael, 171, 413
Ballet, Gilbert, 250, 292-294, 616, 624-625,
638
Bandarra, 74, 413
Bangem, Iesquebrough V., 238
Barnes, William, 334
Barrère, Camille, 506
Barrès, Maurice, 39, 610, 670
Barros, João de, 291, 388
Bataille, Henry, 370
Baudelaire, Charles, 47, 53, 56, 93, 97, 129,
178, 380, 388, 441-442, 660, 670

Beauvais, Henri Étienne, 187, 608, 630
Beazley, Charles Raymond, 291
Begley, Walter, 341, 349
Benedikt, Moritz, 278, 651
Benham, Dr. (William?), 256
Benn, Alfred William, 41, 82-84, 689
Bentes, J. A., 613
Bercher, J., 611
Berger, Émile, 686
Berkeley, George, 909
Bernard, Claude, 608
Bettinelli, 647
Bianchi-Giovini, Aurelio Angelo, 257
Binet, Alfred, 606-607, 622, 668
Binet-Sanglé, Charles, 37, 243-244, 248-251,
255-257, 610, 702
Biran, Maine de, 52
Bismarck, Otto von, 145, 147, 346
Blake, William, 65, 146, 427
Bolingbroke, 81
Boll, Marcel, 616, 625
Bombarda, Miguel, 290, 611, 616, 625
Bonnier, Pierre, 609
Botelho, Abel, 437, 622
Bouchard, Charles, 250, 292-293, 625
Bouchut, Eugène, 614
Bournet, Albert, 297, 611, 642
Braga, Alexandre, 290
Braga, Vitoriano, 256
Brand, 672
Bréhat, Alfred de, 613
Bright, John, 346
Briquet, Pierre, 636
Brissaud, Édouard, 250, 292-293, 625
Broca, Paul, 283, 369
Browne, Thomas (Sir), 491

- Browning, Elizabeth Barrett, 104
 Browning, Robert, 183, 405
 Brunet, Gustave, 661
 Brunetière, Ferdinand, 262, 678
 Bruno, Sampaio, 291
 Bucknill (Dr.), 609
 Buda/Buddha, 253, 508, 540
 Burke, Edmund, 81
 Byng (Ex-sargento), 492-495, 500, 502, 692
 Byron, Lord, 41, 44, 48, 68, 105, 152, 376, 436, 438, 610, 618-619
- C**
- Caeiro, Alberto, 454, 456, 459, 461-463, 549, 699
 Cambó, Francesc, 421
 Camões, Luís de, 38, 267, 408-409
 Campbell, John (Lord), 347
 Campoamor, Ramón de, 438, 618
 Campos, Álvaro de, 77, 392, 402, 406, 411, 423, 454-455, 459, 461-463, 549
 Capgras, J. (Dr.), 625
 Carlos (Rei), 237, 259, 261, 290
 Carlyle, Thomas, 52, 65-66, 230, 307, 491, 689, 690-691
 Carvalho, Ribeiro de, 433, 437
 Carvalho, Ronald de, 392
 Castelnau, Boileau de, 674
 Castro, Augusto de, 382
 Castro, Eugenio de, 388, 390, 613
 Cazotte, Jacques, 476, 623
 Cervantes, Miguel de, 71
 César, Júlio/Caesar, Julius, 56, 180, 362, 590
 Chambard, E., 612
 Charcot, Jean Martin, 250, 289, 292-294, 624-625, 680, 688
 Chassang, Alexis, 613
 Chateaubriand, François-René de, 55
 Chatterton, Thomas, 618
 Chesterton, Gilbert Keith, 332, 384
 Child, Thomas, 607, 620
 Christophe (ver Moreau-Christophe).
 Claro, Nunes, 388
- Clémenceau, George, 39
 Clemente/Clement VI, 647
 Clive, Robert Clive (Barão), 362
 Coelho, Furtado, 815
 Coelho, Trindade, 291
 Colburn, Zerah, 313
 Coleridge, Samuel Taylor, 166, 153, 346-347, 353, 428
 Colvin, Sidney, 221, 624
 Comte, Auguste, 395
 Condillac, Etienne Bonnot de, 779
 Conejo, Don Juan, 35-36
 Corneille, Pierre, 370
 Cornélio/Cornelius, 647
 Cornwall, Prof., 228
 Côrtes-Rodrigues, Armando, 392
 Costa, Afonso/Affonso, 38, 290
 Costa, Joaquim Moura, 38
 Cotard, Jules, 210, 616, 626, 628, 673
 Courier, Paul-Louis, 126
 Cousin, Victor, 622
 Couvier, George, 962
 Cowper, William, 183
 Crépieux-Jamin, Jules, 171, 606
 Cristo/Christo/Christ (Jesus), 37, 45, 47, 53, 60, 86, 91-93, 130, 180, 229, 240, 243-244, 249-257, 385, 414-416, 540-541, 546, 610, 684
 Cristo/Christo, Homem (filho), 918, 935
 Crofts, Freeman Wills, 777
 Cromwell, Oliver, 71, 264
 Cullerre, Alexandre, 608-609, 616-617, 643
- D**
- Dagonet, Henri, 616, 624, 629
 Dallemagne, Jules, 609
 Dally, Eugène, 288, 493, 616, 629
 Dantas, Júlio, 393, 611
 Dante Alighieri, 152, 427
 Debierre, Charles-Marie, 608
 Dechambre, Amédée, 220, 288, 496, 612, 626, 631, 644, 682, 685
 Déjerine, Joseph Jules, 301
 Delage, Ives, 616, 630, 632

- Delepierre, Octave, 661
 Dermot, Jacob, 34-35, 173
 Dias, Carlos Malheiro, 928
 Diógenes/Diogenes, 805
 Dittmer, Wilhelm 917
 Dostoievski, Fédor./Dostoievski, Fiodor,
 153, 610, 614, 666, 715
 Dowden, Edward, 98, 169, 616, 633, 689
 Drummond, Henry, 607
 Dryden, John, 143, 426-427
 Dubois, Paul, 256
 Dubois-Reymond, Emil, 962
 Dupuis, Charles-François, 257
 Durkheim, Émile, 149
 Durville, Hector, 449
 Durville, Henri, 449
- E**
- Egger, V., 612
 Elizabeth (Rainha), 353
 Emerson, Ralph Waldo, 346
 Encausse, Gérard, 606
 Enes/Ennes, Lourenço (Padre), 384
 Espinas, Alfred, 612-613
 Espronceda, José de, 174, 243, 438-439, 491,
 619
 Esquirol, Jean-Etienne, 124, 627, 683
 Estève, Louis, 616, 633
 Eucken, Rudolf, 610
- F**
- Faber, Horace James, 492
 Faguet, Émile, 435, 616, 633, 639
 Falret, Jules, 627, 683
 Fasnacht, W., 171
 Fátima, Senhora de, 85
 Fechner, Gustav Theodor, 219
 Feijó, António, 390
 Féré, Charles, 122, 210, 289-290, 293, 594,
 609, 614, 616-617, 624, 634-638
 Ferrero, G., 674
 Ferri, Enrico, 277, 644, 649
 Ferrière, Émile, 613, 620-621
- Feuchtersleben, Ernst, 636
 Flaubert, Gustave, 153, 180, 435, 437, 616,
 624, 633, 647
 Fontenelle, Bertrand le Bouvier de, 101, 620
 Forel, Auguste, 607
 Fouillée, Alfred, 54, 612, 620-621
 Fourier, Charles, 633
 Fraguas, José E. Garcia, 607
 France, Anatole, 39
 Franco, João, 58-60, 234, 237, 259-261, 276-
 -280, 282-287, 290, 292-293, 295-296, 301
 Frederico (o Grande), 589-590
 Freitas, Maria Nogueira de, 724
 Freud, Sigmund, 400-401, 403-405, 408, 555,
 614, 616, 625
 Funck-Brentano, Frantz, 622
 Furnivall, Frederick James, 347, 808
 Fuschini, Augusto, 280, 283, 291
 Fusinieri, 647
- G**
- Galsworthy, John, 610
 Garcia Fraguas, José E. (ver Fraguas).
 Garofalo, Raffaele (Barão), 296, 299, 606
 Garrick, David, 344, 360
 Gaultier, Jules de, 610
 Gegenbaur, Carl, 962
 Gélineau, Edouard, 609
 George, Lloyd, 39, 349
 Gilfillan, George, 267
 Girard de Rialle, Julien, 257
 Giusti, Giuseppe, 613
 Goethe, Johann Wolfgang von, 41, 54, 63,
 65, 73, 85, 101, 138, 148-149, 152, 182, 253,
 351, 363-365, 373, 376, 380, 389, 427, 431,
 441, 611, 617, 658
 Gomes Leal, António Duarte (ver Leal).
 Gomes, Augusto Ferreira, 462
 Gomes, Florêncio/Florenccio, 545
 Gourmont, Remy de, 39, 675
 Grasset, Joseph, 123, 127, 130, 177-178, 189,
 227, 231, 234, 255-256, 278-280, 286, 290,
 308, 327, 436, 441, 612, 616, 638-639, 689
 Green, Thomas Henry, 610

Greenwood, George, 341, 368, 689
 Greg, Wiffiam Rathhone, 607
 Gresset, Jean Baptiste Louis, 618-619
 Griesinger, Wilhelm, 629, 671-673, 684, 686
 Guedes, Vicente, 454, 514-516
 Guerra Junqueiro, Abílio (ver Junqueiro).
 Guisado, Alfredo Pedro, 390-392, 397, 398
 Guyau, Jean-Marie, 612-613

H

Haeckel, Ernest, 85, 607, 616, 618, 622-623,
 630, 640, 702, 704, 962
 Hahn, 611
 Hallam, Henry, 291
 Hamon, Augustine, 622
 Harleville, Jean-François Collin d', 619
 Hartenberg, Paul, 606, 613-614
 Hartmann, Karl Robert Eduard Von, 762
 Havet, Ernest, 257
 Hecker, Justus Friedrich Carl, 630
 Hegel, Friedrich, 230, 374, 415, 635
 Henrique (Infante), 386, 389
 Herrmann, G., 612
 Hirsch, William, 689, 693-694
 Höffding, Harald, 668
 Hollander, Bernard, 623
 Horacio, 143
 Horote, Luis, 291
 Hrdlicka, Ales, 611
 Hudson, William Henry, 607, 620-621, 704
 Hughes, William, 347
 Hugo, Victor, 53, 61, 63, 65, 107, 129, 145,
 152, 192

I

Ibsen, Hendrik, 56, 108, 370, 610, 671-673,
 675
 Inaudi, Jacques, 313

J

Jacoby, 674
 James I (rei), 424
 Janet, Pierre, 262

Jessen, Peter Willers, 630
 Jesus (ver Cristo).
 João IV (Rei), 413
 Jones, Professor, 166
 Jonhson, Samuel, 106
 Jonson, Ben, 76, 344, 420, 424, 427, 622
 Junqueiro, Abílio Guerra, 62, 290, 404, 439,
 618, 623

K

Kahn, Gustave, 893
 Kant, Immanuel, 44, 85, 205, 618, 901
 Keats, John, 41, 48, 56, 68, 92, 221, 352, 618-
 620, 624, 673
 Kiesky, Karl, 36
 Kowalewski, 662, 666-667
 Kraepelin, Emil, 625
 Krafft-Ebing, Richard von, 297, 673, 675

L

La Rochefoucauld, 97, 607
 Lacenaire, Pierre-François, 288
 Lacerda, José Caetano de Sousa, 215-216, 689
 Laing, Samuel, 607, 619, 621
 Lamb, Charles, 428
 Landois, Leonard, 608, 630
 Lanson, Gustave, 804
 Lapouge, Vacher de, 962
 Laurent, Émile, 276, 610, 616-617, 641-642,
 702
 Lauvrière, Émile, 616-617, 643
 Lavoisier, Antoine Laurent, 623
 Le Bon, Gustave, 91, 176, 607
 Leal, António Duarte Gomes, 92, 623
 Legouvé, Ernest, 302
 Legrain, Paul-Maurice, 96, 609, 662, 666-
 667
 Legrand du Saulle, Henri, 666, 683-684
 Leitão, Artur/Arthur, 260, 277, 280-285,
 287-288, 291, 296, 689
 Leland, Charles Godfrey, 689, 695
 Lenine, Vladimir Ilyich Ulyanov, 85
 Leo, Alan, 738

- Letourneau, Charles, 297, 300, 458, 612-613, 616, 640, 644
 Levinstein-Schleger, Willibald, 671
 Lewis, William Bevan, 605
 Lichtenberger, H., 633
 Liszt, Franz, 665
 Locke, John, 901
 Loewenfeld, Leopold, 614
 Lombroso, Cesare, 55, 104, 118, 127, 144, 164, 248, 250, 276, 278, 287-288, 295-297, 393, 396-397, 400, 438, 441, 496-497, 506, 514, 608, 616-618, 624, 636, 644-647, 664-665, 667-668, 674, 686, 689, 700-701
 Loti, Pierre, 388
 Lourdes, Senhora de, 85
 Loygue, Gaston, 610, 614
 Luís Filipe/Luiz Felipe (Príncipe), 259
- M**
- Macchiavelli, Niccolò, 84
 Maciel, Carlos, 616-617, 642
 Maeterlinck, Maurice, 39, 108-109, 666-667
 Magalhães, Luís de/Luiz de, 688
 Magnan, Valentin, 626, 663, 666
 Mahaffy, John Pentland, 149
 Malapert, Paulin, 606-607, 613
 Malebranche, Nicolas, 647
 Mallarmé, Stéphane, 390, 398, 452, 668
 Malvert, 257
 Maomé/Mahomet, 60, 253, 295, 385
 Maria, Manuel, 721
 Marie, A. (Dr.), 672-673
 Marro, Ant., 647, 649
 Martinez de Pasqually, Jaques, 74
 Martins, Sousa, 216, 617, 687-688
 Matos/Mattos, Julio de, 276-280, 290, 382-383, 385, 397-398, 648, 650-651, 704
 Mauclair, C., 611
 Maudsley, Henry, 234, 276, 294-295, 649, 668
 Maurice, Friar, 212
 Maurras, Charles, 38, 441
 Mendonça, Lopes de, 870
 Mercier, Charles, 617, 624, 630, 653, 689, 696
 Meynert, Theodor, 673-674
 Mézières, Alfred, 612, 617, 658
 Michael Ângelo/ Michelangelo, 360
 Mill, John Stuart, 673
 Milton, John, 73, 76, 145, 147-148, 152, 183, 264, 267, 331, 344, 363, 409, 424, 427
 Molarinho, Antonio, 815
 Molière, Jean Baptiste Poquelin, 63, 370, 618-619
 Moniz, Egas, 367-368
 Monteiro, Adolfo Casais/Casaes, 459-460, 462-464
 Montesquieu, Barão de, 291, 612
 Mora, António/Mora, Antonio, 454, 518, 738
 Moreau, Jacques-Joseph (de Tours), 121, 127, 131, 143, 396, 608, 682
 Moreau-Christophe, L.-M., 612
 Morel, Benedikt-Augustin, 99, 101, 608-609, 663, 666-667
 Morris, William, 660
 Morveau, Guyton de, 641
 Mosso, Angelo, 606, 692
 Mounteagle, William (Lord), 432
 Moy, Léon-Charles-Marie, 257
 Munro, John, 808
 Murisier, Ernest, 611
 Musset, Alfred de, 44
- N**
- Nabos, Gaudêncio, 170, 509
 Napoleão/Napoleon, 45, 47, 53, 56, 71, 91, 131, 134, 145, 147, 180, 182, 231, 240, 248, 253, 286, 295, 298, 360, 362, 373, 498, 589-590, 669, 684
 Navarro, E., 58
 Néant, 299
 Negreiros, Almada, 392, 652
 Nerval, Gérard de, 152
 Nietzsche, Friedrich, 39, 130, 190-191, 263, 307, 388, 610
 Nisbet, John Ferguson, 62, 118, 144, 152, 301, 303, 314, 393, 396, 689, 697, 701
 Nobre, António, 307, 623

- Nogueira, Ana Luísa Pinheiro, 323
 Nogueira, Luís António Pinheiro Jr., 323
 Nogueira, Maria Madalena Pinheiro, 323
 Nordau, Max, 90, 95, 99, 101-102, 109-110, 144, 229, 239, 248, 250, 256, 259, 262-263, 266, 380-383, 387-389, 393, 608, 610, 612, 617, 624, 631, 658-660, 662-672, 674-677, 689, 698-699, 702-709
 Novicow, Jacques, 613, 617, 678
- O**
- Oliveira, Antonio Correia d', 612
 Oppenheim, Annie Isabella, 166, 689
 Orchanski, 288
- P**
- Pais, Sidónio/Paes, Sidonio, 413
 Paiva, Sebastião de (Padre), 777
 Pantaleão, 37, 237-238, 243
 Parny, Chevalier de, 620
 Parodi, Dominique, 762
 Pas, Chevalier de, 455, 460
 Pascal, Blaise, 145, 230
 Pasqually (ver: Martinez de Pasqually).
 Passos, Francisco da Silva, 618, 620
 Paulhan, Frédéric, 104, 617, 678-679
 Péladan, Joséphin, 666
 Pelisé, Sar, 228
 Pellettier, Camille, 357
 Penzance, James (Lord), 347
 Pessanha, Camilo/Camillo, 408-409
 Pessôa, Daniel, 323
 Pessôa, Joaquim António de Araújo, 323
 Pessôa, Joaquim de Seabra, 323
 Pessôa, Jorge Nogueira, 323
 Pessôa, José de Seabra, 323
 Petôfi/Petofy, Sándor, 688
 Picard, Émile, 607, 621
 Pigault-Lebrun, 620
 Pinel, Scipion, 627
 Pinto, Manuel de Sousa, 384
 Piron, Alexis, 619
 Pitres, Albert, 614
- Platão/Plato, 36, 62, 218, 231, 416, 522, 620-621
 Poe, Edgar Allan, 34-35, 41, 44, 50, 53-54, 92-93, 97, 138, 152, 173, 180, 381, 388, 427-428, 437, 482, 492, 616, 619, 623, 643, 670, 673
 Poincaré, Henri, 630
 Pombal, Marquês de, 413
 Pope, Alexander, 64, 92, 395, 426-427
 Preyer, Wilhelm Thierry, 614
 Protágoras/Protagora, 121, 619
 Proudhon, Pierre Joseph, 46
- Q**
- Quaresma, Abílio/Abilio, 341, 342, 502, 548-549, 561-566, 571, 576-577, 580-581, 587, 598
 Queiroz, Eça de, 523
 Quental, Antero de/Anthero de, 109, 134, 136-138, 381, 395, 433, 438-440, 534, 544, 617, 623, 687-688
 Quintanilha, Aurelio Pereira, 724
- R**
- Rabaud, Etienne, 131, 689, 700-701
 Rabelais, François, 88
 Racine, Jean, 370
 Raffaello/Raphael (pintor), 420
 Raphael (autor de *Ephemeris*), 777-778
 Raposo, Bettencourt, 125
 Rathenau, Walter, 373
 Raymond, F., 673
 Rebelo, Sílvio/Rebello, Sílvio, 388
 Rebierre, Paul, 613
 Régis, Emmanuel, 614
 Régis, Etienne, 262, 609
 Reich, Emil, 446
 Reis, Batalha, 688
 Reis, Ricardo, 332, 454-455, 459, 461-463, 549
 Reja, Marcel, 611
 Remédios, Mendes dos, 291
 Rémond, Antoine (de Metz), 609, 611
 Renan, Ernest, 254, 257

- Ribeiro, Hintze, 397
 Ribéry, Charles, 606
 Ribot, Theodule Armand, 247, 622, 668
 Richer, Paul, 151, 617, 680-682
 Richet, Charles, 52, 55-56, 636, 646
 Ritti, Antoine, 617, 682, 685
 Rivers, Walter Courtenay, 689, 710
 Robertson, John M., 341, 349, 689, 711-712
 Roberty, Eugène de, 190
 Rollinat, Maurice, 93, 374, 448
 Rosa, Henrique, 221, 618
 Rossetti, Dante Gabriel, 388
 Roubinovitch, Jacques, 609, 667
 Rousseau, Jean-Jacques, 34-35, 41, 43-44, 55, 65, 72, 93-94, 292, 333, 607, 618
 Roux, W., 674
 Ruskin, John, 659
 Ryland, Frederick, 901
- S**
- Saa, Mário, 338-340, 689
 Sá-Carneiro, Mário de, 153, 390-392, 406, 408-409, 442, 444, 461
 Sacher-Masoch, Leopoldo von, 239, 675
 Sade, Marquês de, 239
 Saint-Martin, Louis-Claude de, 74
 Saintsbury, George, 775
 Sakhokia, M., 611
 Sampaio, Alberto, 687
 Sampaio, Albino Forjaz de, 618
 Sanches, Francisco, 610
 Schiller, Friedrich, 192
 Schloess, Heinrich, 613
 Schopenhauer, Arthur, 52, 230, 613, 620
 Schüle, Heinrich, 294
 Seabra, Dionísia Perestrelo de, 323
 Seabra, Eurico de, 117
 Séailles, Gabriel, 515, 617, 679
 Search, Alexander, 40, 48, 93, 103-104, 129, 171, 179, 199, 216, 221, 227, 230-231, 243-244, 256, 291, 382, 448, 615, 617, 622, 665-666, 675, 687, 702
 Sebastião (Rei), 413, 548-549
 Seneca, Lucius Annaeus, 62, 143
 Sérgio, António, Sergio/Antonio, 403, 433
 Sérieux, Paul, 625
 Seul, Jean (de Méluret), 87, 221, 243
 Shakespeare, William, 56, 61, 66, 68, 74-76, 79, 86, 147-148, 180, 184, 253, 256, 264, 266, 331, 333, 341-357, 359-360, 362-366, 370-371, 375-376, 378, 405, 415-416, 420-421, 424, 426-427, 439, 441, 453, 456, 495, 520, 522, 548, 592-593, 620, 623, 658, 662, 689
 Shelley, Percy Bysshe, 33-35, 41, 44, 50, 68, 92, 96-98, 145, 152, 169, 174, 352, 373, 376, 427, 436, 616, 620-621, 633, 665, 689
 Silva, J. Eugénio, 928
 Simões, João Gaspar, 402-403, 405-407
 Smedley, William, 341-342
 Soares, Bernardo, 463, 525, 550-551, 553, 580
 Soares, Nuno, 35
 Sollier, Paul Auguste, 609, 662, 665, 667-668
 Sommer, Robert, 288
 Souriau, Paul, 612
 Sousa, Albano de, 928
 Spencer, Herbert, 62, 175, 187, 199, 266, 374, 533, 607, 620-621, 656, 704
 Spinoza, Baruch, 54, 183
 Springer, Maurice, 612
 Steele, Richard, 619, 623
 Sterling, John, 267
 Stevenson, Robert Louis, 336
 Stirling, William, 608, 630
 Stirner, Max, 610
 Strauss, David, 254
 Stuart, Charles, 68
 Sully, James, 677, 688
 Swift, Jonathan, 92, 263, 609
 Swinburne, Algernon Charles, 369, 660
- T**
- Tácito, Tacitus, 373
 Tanzi, Engenio, 672
 Tarde, Gabriel, 94, 299, 606, 617, 686
 Tchekhov, Anton, 742
 Tchisch, 614

Teive, Barão de, 746
Tennyson, Alfred Lord, 105-106, 623
Terêncio, Terence, 302
Thibeaut (capitão), 455
Tolstoi/Tolstoï, Leão, 95-96, 620, 661-662
Tourdes, G., 612
Tournier, César, 614
Trélat, Ulysse, 123, 130, 255
Turner, Joseph M. W., 313, 373
Twain, Mark, 346

V

Vaschide, Nicolas, 613
Vasconcellos, Carolina Michaëlis de, 688
Vaught, 161, 163, 689
Vecchi, Tito, 35
Velázquez (pintor), 373
Venizelos, Eleutherios, 147
Verhaeren, Émile, 388
Verlaine, Paul, 56, 63, 88, 93, 307, 331, 388,
441, 661, 667
Verne, Jules/Júlio, 618
Viana/Vianna, A. R. Gonçalves, 870
Vila Moura/Villa-Moura, Visconde de, 889
Villiers de L'Isle-Adam, Auguste, 807
Virgílio/Vergil, 621
Voivenel, Paul, 611, 689, 713-714

Voltaire, 41, 253, 619
Vurpas, Claude, 613

W

Wagner, Richard, 96, 663-665
Wallace, Alfred Russell, 301-302
Webb, Thomas Ebenezer, 346
Weber, Alfred, 606, 619
Weimar, Duke of, 101
Wellington (Duque), 362, 373
Wells, Herbert George, 65
Weygandt, W., 609
White, Dr, 228
White, Richard Grant, 347
Whitman, Walt, 88, 137, 221, 230, 346, 388,
426-427, 666, 689, 710
Wilde, Oscar, 73, 347, 426, 428, 442, 478, 610
Wilson, Woodrow, 39
Woodworth, Robert Sessions, 606
Wordsworth, William, 62, 145, 183, 424-425
Wundt, Wilhelm Max, 179
Wurtz, Charles Adolphe, 623

Z

Zimmermann, Oswald, 670
Zola, Émile, 107, 437, 661, 675

Índice geral

INTRODUÇÃO	<i>p.</i> 7
1. A edição crítica	7
1.1. Estrutura da edição	8
1.1.1. Núcleo inicial (cap. I)	8
1.1.2. Nova documentação (caps. II a XX)	16
1.1.3. Anexos (cap. XXI)	22
1.1.4. Aparatos e índices	24
1.2. Componentes do volume	24
1.2.1. Os inéditos	24
1.2.2. Os éditos	26
1.2.3. Fac-símiles	26
1.2.4. Convenções	26
Nota final	28
TEXTO CRÍTICO	31
I. GÊNIO, LOUCURA E DEGENERESCÊNCIA	33
1. Projectos	33
2. Do Génio	40
3. Da Degenerescência	86
4. Génio e Loucura	119
II. THE MAD DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE	155
III. NOTES ON THE NOSE (FISIONOMIA E FRENOLOGIA)	159
IV. CADERNO Z	175
V. CADERNO T	207
VI. CADERNO J	220

VII. A PSYCHOSE ADEANTATIVA	237
VIII. THE MENTAL DISORDER OF JESUS	243
IX. HISTORY OF A DICTATORSHIP	258
X. ETHOPATHOLOGIA	305
XI. FRAGMENTOS DE ALGUMAS PRODUÇÕES SOCIOPOLÍTICAS	329
XII. A QUESTÃO SHAKESPEARE-BACON	341
XIII. LITERATURA E PSIQUIATRIA	379
XIV. HORÓSCOPO DE ÁLVARO DE CAMPOS	411
XV. BANDARRA	413
XVI. MESSAGE TO MILLIONAIRES	419
XVII. EROSTRATUS	423
XVIII. SOBRE A ARTE E O ARTISTA	433
XIX. AUTOPSYCHOGRAPHIA	444
XX. FICÇÕES	475
1. The Door	475
2. The Case of the Science Master	492
3. The Case of the Quadratic Equation	502
4. Don José Paisiello	507
5. Doctor Jones	509
6. Viagem Espiritual	511
7. A Morte do Dr. Cerdeira	514
8. Na Casa de Saúde de Cascaes	518
9. O Philosopho Hermetico	520
10. Marcos Alves	523
11. Historia Amorosa de um Homem de Genio	551
13. Na Casa de Saúde de Caxias	555
14. Quaresma, Decifrador	561
14.1. Prefacio a Quaresma / Description of him – First Tale	561
14.2. Casos da Série Quaresma	566

Índice geral	1019
a) O Caso do Quarto Fechado	566
b) A Carta Mágica	571
c) O Caso Vargas	580
15. Apêndice: Ideias para Contos e Anedotas	603
XXI. ANEXOS	605
1. Subsídios para uma bibliografia	605
2. Leituras	616
3. Marginalia	689
APARATO GENÉTICO	717
BIBLIOGRAFIA	987
ÍNDICES	991
Índice topográfico	993
Índice onomástico	1009
Índice geral	1017

© Jerónimo Pizarro e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este sétimo volume, tomos I e II, da Série Maior da Edição Crítica de Fernando Pessoa foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, numa tiragem de 1000 exemplares.

Julho 2006

Edição n.ºs 1013123 e 1013124

ISBN 972-27-1437-6
DEPÓSITO LEGAL III 309/97

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

[*A morbidez de José Silveses — Suicídio ou assassínio? — Um histero-neurasténico ter-se-ia suicidado com uma navalha de barba, guiada com firmeza? — Perplexidade do narrador — Intervenção do Dr. Quaresma*]

556 [27^r U-14 e 15^r]

Mas o irmão de Silveses, nervoso, febril, gesticulante, recusava-se a acceitar, fôsse de que modo fôsse, a hypothese do suicidio.

Reconhecia, melhor que ninguem, a morbidez temperamental do irmão, sabia bem qual o seu habitual estado neurasthenico, quaes as suas constantes preocupações obsessivas. Mas o conhecimento nitido d'esse proprio estado o levava a affirmar categoricamente que um suicidio se não podia ter dado.

“Isto de morbidez”, dizia elle, “é cousa que tem dois bicos. Ser muito morbido tanto pode servir para explicar absolutamente um suicidio, como para affirmar absolutamente que elle não podia ter-se dado. A morbidez do meu irmão era d'aquellas que nunca levam ao suicidio. Não, não lhes sei dar a razão scientifica. Mas sei que, entre todas as obsessões que conheço no meu irmão, nunca lhe conheci a do suicidio, e tenho-o visto em situações da vida, reaes ou imaginadas por elle, em que o suicidio era uma optima sahida, se elle fôsse homem para pensar nessa sahida. Não, não, não. Aqui ha crime. Não sei como, nem sei porquê. Mas sei que ha crime, porque não podia haver suicidio.”

“Mas um impulso subito...”

“Qual impulso subito, nem meio impulso subito! Meu irmão não era um impulsivo, era um deprimido. Tinha raivas repentinas, tinha bruscas alterações de humor, mas não tinha impulsos violentos, propriamente ditos — d'aquelles que levam um homem a matar-se. Garanto-lhes, juro-lhes pela saude dos meus filhos, que elle se não matou: mataram-o. Podem ter a certeza: mataram-o. Não descansarei emquanto não determinar quem foi que o matou.”

“Ó snr. Silveses,” observei eu, “Se o snr. descrê do suicidio por não ver razão para elle, diga-me que razão havia para o assassinio? O temperamento do seu irmão, diz o senhor, nunca o levaria a matar-se. Ora diga-me: que cousa faria elle que levasse outrem a matal-o? Se vamos a isso, que cousa? Se elle fôsse encontrado morto no meio de uma rua, podia ser uma aggressão de acaso, podia ser uma aggressão com milhares de motivos naturaes alli, desde a aggressão para roubar até á aggressão por o confundirem com outra

peessoa. Mas aqui, aparte não se perceber como um homem é morto num quarto inteiramente fechado, qual o motivo que levaria um assassino a procural-o? Porque, se houve aqui crime — o que não admitto — foi crime muitissimo premeditado, que devia ter, portanto, uma causa funda, facil de descobrir. Um homem não dá a outro razões para o matar sem lhe ter feito qualquer cousa que não seja absolutamente difficil de descobrir. Seu irmão, apesar de triste e deprimido, nunca me deu a impressão¹ de ser reservado, de ser d'aquelles homens que guardam segredos. Tanta vez fallava nas suas ambições, nos seus projectos sem cautella e sem tino! Ora não o concebo tendo um segredo excessivamente grave, como seria o que levasse um outro a matal-o. Além d'isso não era rico, não era poderoso. Qual a razão para [14^a] que o matassem?”

O Francisco Silvares enfureceu-se.

“Digo-o por um instincto seguro, por uma intuição que me é natural, que nunca me enganou na minha vida. Nunca tive um palpíte errado na minha vida, nunca!, Sempre que me palpitou uma cousa, essa cousa era certa — ou cousa que havia de acontecer, ou cousa que tinha acontecido e de que ninguem sabia”. E a seguir, exemplificando, contou varias historias, aliás curiosas, justificativas da sua intuição espontanea em varios assumptos, de varia ordem, em situações diversas.

Ouvimo-lo sem concordar; creio que ninguem concordou. Se reflectiamos um momento viamos como era absurda a sua these, pensando sobretudo nas condições, por assim dizer physicas do caso²: no quarto hermeticamente fechado, no feixe harmonico de circumstancias que levavam a fazer acceitar o suicidio como absolutamente provavel.

Por minha parte, porém, confesso que me abalou um pouco o que Francisco Silvares disse a proposito da indole, em nada propensa a suicidio, do irmão. Com effeito, eu, de principio, acceitara como naturalissimo que se matasse quem era tão patentemente doentio de sua natureza. Mas a argumentação de Francisco Silvares, no que se referia á modalidade especial de morbidez do irmão, fez-me hesitar e confundir-me. Sem duvida que, pensando bem, não era aquella especie de morbidez que leva ao suicidio. As impulsões á acção eram demasiado superficiaes e episodicas naquelle temperamento hystero-neurasthenico. A depressão era, ou funda de mais ou inerte de mais, para o gesto violento, mesmo no individuo contra si-proprio. Depois, a arma escolhida para o suicidio era a mais incompativel com o individuo que se poderia imaginar. Um tiro na cabeça, uma dose de veneno, embora deixassem subsistir o absurdo essencial do suicidio, eram possibilidades pelo menos vagas. Uma navalha de barba, que uma firmeza de mão tinha guiado sobre as guellas³, não se compadecia em nada com o feito do José Silvares.

Tive de me chamar violentamente á realidade para não me embrenhar por uma serie de raciocinios cuja substancia era, quiçá, absurda. Porque o caso, desde que fôsse encarado practicamente, de tal modo excluia tudo quanto fôsse o suicidio, que era absurdo admittir outra hypothese. Esses argumentos sobre character, feitio, indole, tinham a insubsistencia characteristic de todos os argumentos psychologicos. Que valiam elles contra a provante realidade dos factos — contra o facto fundamental de se ter encontrado um homem com a garganta cortada e uma navalha de barba na mão, deitado sobre a cama, em um quarto fechado por dentro portas e janella, sem possibilidade de sahida para um criminoso vagamente hypothetico? Sacudi de mim a especie de sonho em que as suggestões do Francisco Silves me tinham feito cahir, e regressei á realidade. Em todo o caso, ninguem pode excluir, em tempos tão estudiosos, como os nossos, da alma humana, a influencia de um argumento baseado em probabilidades ou improbabilidades psychicas.

[15^r] Estes pensamentos atravessaram-me o espirito em alguns segundos. De frente de mim o Francisco Silves jogava febrilmente com a chavena meia de café. O chefe Silva, sentado a um canto da sala, escutava a conversa com um interesse meio sorridente, meio (talvez) perplexo.

Neste momento emergiu do meu lado direito, da outra mesa, ao fundo da sala, uma voz levemente tremula, mas nitida e □

— V. Exa. dá-me licença que o sujeite a um pequeno interrogatorio sobre o feitio do seu irmão? É apenas para tirar a claro esse poncto do problema; é apenas para podermos pôr em termos logicos, intellectuaes, o que em V. Exa. é representado por um estado intuitivo, que tanto pode ser um raciocinio concentrado por instincto, como um raciocinio de origem sentimental, e portanto sem valor.

“Faça as perguntas que quizer — as que quizer. Se eu puder responder... Eu estou prompto a qualquer cousa que aclare este assumpto...”

“Bem”, disse o extranho⁴. Vamos orientar o problema. O phenomeno chamado suicidio pode ser motivado por trez ordens de causas: causas temperamentaes, causas sociaes, e causas occasionaes. Pode ser producto do feitio do individuo; pode ser producto de a acção forte de um conjuncto de circumstancias sociaes sobre um temperamento não predestinado ao suicidio; e pode ser producto de um impulso inteiramente occasional.⁵

[*Considerações do Dr. Quaresma sobre o suicídio*]557 [27⁷ U-18^r]

Trez especies de suicidio: o suicidio por motivos temperamentaes, o por motivos sociaes, e o por motivos occasionaes. Dou exemplos dos dois ultimos, porque o primeiro caso percebe-se logo. O suicidio por causas sociaes é o individuo que se mata por uma pressão de idéas que representam a opinião social perante determinada situação que se creou ou lhe crearam, que o põe em conflicto com essas opiniões² sociaes.

Em todos os casos de suicidio temos que considerar, em primeiro logar, a capacidade do individuo para se suicidar; isto é, para que um individuo se suicide, tem que ter um temperamento, não direi de suicida, mas de individuo que, em determinadas circumstancias se pode suicidar. E isto, muito simplesmente, porque na verdade se suicida. Temos de considerar, em segundo logar, as razões porque se suicida. E temos de considerar, em terceiro logar, a maneira porque se suicida.

Como d'estas trez cousas contidas na idéa de suicidio, a predominante, a central, é a dos motivos do suicidio, temos que fazer girar o argumento em torno a ella.

Segundo a maneira de se suicidar, os individuos dividem-se, também, em trez categorias: os que se matam de um modo especial e anormal, por processos originaes ou rebuscados; os que se matam por processos absolutamente usuaes, normaes quasi, diria, se houvesse logar no assumpto para o emprego da palavra; e os que se matam por processos absolutamente accidentaes, como o individuo que num impulso de desespero se atira da janella abaixo, quando, se o seu suicidio fôsse cousa premeditada, escolheria (por character) outro processo.

A CARTA MÁGICA (dois fragmentos)

A Carta Mágica trata, como explica uma personagem, do desaparecimento de uma carta, de uma carta que eu não sei, nem ninguém sabe, o que contém. Essa carta estava em cima de uma mesa numa sala fechada. Quando se abriu a porta a carta tinha desaparecido (27² E-5^r).

Nesta narrativa reaparecem o Dr. Quaresma, médico que se dedica a decifrar charadas mortas (27² E-18^r), e o Chefe Manuel Guedes, da segunda secção de Investigação Criminal, tratado por meu caro Guedes (27² E-32^r), como o Watson dos filmes de Sherlock Holmes.

A digressão do Dr. Quaresma sobre os tipos mentais serve para descrever ou caracterizar a pessoa que roubou a carta — a mulher de um engenheiro — e para prognosticar que ainda tentará assassinar o marido. O raciocínio resolverá, como é de esperar, o mistério do quarto pseudo-fechado (99-13^r).

Alguns dos fragmentos de A Carta Mágica, ainda inédita na sua totalidade, encontram-se em suportes com outros textos datados de 1926, e muitos deles no verso do impresso Sobre um Manifesto de Estudantes (1923), que foi usado em inúmeros documentos do Espólio dos anos Vinte e Trinta.

[Raciocínio do Dr. Quaresma — Tipos mentais — O estranho roubo da carta — Breve intervenção do chefe Guedes]

558 [27² E-20^r e 21^r]

Ha trez typos de mentalidade: a do homem a que chamamos normal, a do homem a que chamamos anormal sem lhe chamar louco, e a do louco propriamente dito. Não ha divisoria exacta entre estas mentalidades, duas a duas; isto é, embora seja nitida a differença entre a mentalidade do homem normal e a do louco, não ha tal differença entre a do homem normal e a do simplesmente anormal, ou entre a d'este, nos graus mais avançados, e a do louco propriamente dito. Em todo o caso, não é falsa a distincção dos trez typos mentaes. Vou-lhe dizer porquê, e vou-lhe explicar onde está a distincção.

No homem chamado normal, nenhuma qualidade mental tem uma preponderancia tal que estorve a acção das outras; é nisto que a normalidade mental consiste, pois d'isto resulta aquelle equilibrio das qualidades

mentaes entre si pela qual a normalidade normalmente se define.¹ No anormal não-louco, ha uma ou outra qualidade mental que, pela sua saliencia ou deficiencia, estorva a acção uma, ou até de mais que uma, das outras qualidades mentaes. No louco, o processo é o mesmo mas² é levado ao extremo: o excesso ou falta de um elemento mental³ estorva a acção, não já de uma ou mais de um dos outros⁴, mas do espirito em seu conjuncto. É difficil distinguir o homem normal do anormal, porque, não havendo homem nenhum com todas as qualidades igualmente desenvolvidas ou não-desenvolvidas, numa ou outra circumstancia da vida se dará nelle um estímulo externo que provoque uma qualidade mais saliente, ou mais deficiente, a estorvar o exercicio de uma ou outra das outras. E é difficil distinguir entre o anormal simples e o louco, porque muitas vezes, sob um estímulo mais forte, o estorvo da qualidade morbida irá, para além de uma ou mais das outras, a abranger, ou quasi a abranger, o espirito inteiro.

A aproximação da loucura, ou seja a passagem, num individuo, do estado de anormalidade para o estado de loucura, nota-se quando o elemento mental morbido começa nitidamente a invadir a generalidade mental⁵, ou seja, a manifestar-se em actos que dependem, não de tal ou tal-outro elemento mental, mas do uso abstracto da razão.

Consideremos o caso d'esta mulher, vendo-o á luz d'estas considerações que não lhe demostrei, porque as considero, por assim dizer, evidentes em si mesmas, ou axiomaticas. O roubo da carta, tal qual como essa mulher o executou, é absolutamente extranho, e indica uma anormalidade mental. Uma creatura sã de espirito, collocada na situação em que esta mulher estava, ou encontrava um processo normal de fazer desaparecer a carta (embora involvesse mais risco), ou não encontrava processo nenhum, e se considerava perdida; podia então perder a cabeça, como se diz, e destruir a carta ás claras, ou suicidar-se, ou o que quer fôsse a dentro do [21^r] que, embora procedendo do normal, se torna anormal apenas pela incedencia de circumstancias fóra do vulgar. O que não poderia occorrer — repito — a uma creatura normal, o que não lhe poderia *sequer occorrer* — era fazer desaparecer a carta d'esta maneira tam extraordinaria. Bem...

— Bem é como quem diz... Continue, doutor.

— □

[*Raciocínio do Dr. Quaresma — Estados mentais — Caracterização da loucura — Como procederiam (para roubar a carta) uma mulher normal, uma anormal e uma louca — Diálogo com o chefe Guedes — O estratagema do roubo — Uma acção entre a anormalidade e a loucura — Agravamento da paranóia — Consequências do raciocínio: a mulher não só tentará, como conseguirá assassinar o marido*]

559 [99-14^r a 20^r]

Ha tres estados mentaes distinctos, se bem que se confundam nas fronteiras, como tudo. Ha o estado mental normal¹, ha o estado mental anormal mas não louco, e ha o estado mental de loucura.

O que é o estado mental normal? É aquelle em que ha um equilibrio dos elementos mentaes, uma² harmonia entre elles, de sorte que os actos do individuo se não distiguem dos actos da generalidade dos individuos, em typo, pelo menos, senão em qualidade.

É evidente que os elementos mentaes variam em grau de homem para homem, e não ha elementos mentaes egualmente desenvolvidos no mesmo homem. Se assim é, em que consiste a chamada normalidade, ou seja o equilibrio entre esses elementos, necessariamente mais accentuados uns do que outros? Como nasce harmonia da desigualdade? Do facto, evidentemente, de que essa desigualdade é limitada, e de que nenhum elemento é a tal ponto deficiente ou excedente, em relação aos outros, que perturbe a harmonia. E o que é perturbar a harmonia? É essa deficiencia ou excedencia de tal modo se manifestar que estorve a actividade de outros elementos. Quando, por exemplo, o instincto de ganancia está a tal ponto desenvolvido que estorva a acção do senso moral ou social, ou, concomitantemente, o instincto moral ou social é a tal ponto atrophiado que não inibe o senso de ganancia, ha uma ruptura de equilibrio, e o individuo, em que isto se passa, é um anormal.

Supponhamos, porém, que o elemento mental emergente, ou por excessencia ou por deficiencia, é excessivamente emergente. Em vez de estorvar este ou aquelle outro elemento mental na sua acção, estorvará mais do que um; e assim, no progresso da escala da anormalidade, a emergencia d'esse elemento irá invadindo o espirito inteiro. Esta invasão do espirito inteiro, por um elemento mental excessivamente deprimido ou exaltado, é o que se chama a loucura³. Assim como entre certos estados de anormalidade não ha distincção muito facil, assim entre os estados graves de anormalidade e os estados primitivos da loucura não é, tambem, facil a distincção.

Ora a invasão do espirito inteiro, pela deficiencia ou excedencia de um elemento, revela-se de uma de trez maneiras differentes: pela depressão mental, como na idiotia e na demencia; pela confusão mental⁴, como nas loucuras cujo distinctivo é o delirio ou a perturbação geral do espirito; e pela viciação central das operações do espirito, como na chamada loucura lucida, ou paranoia.

A loucura caracteriza-se, essencialmente, pela perda da adaptação mental ao que chamamos a realidade, ou seja pela incapacidade de distinguir entre os phenomenos subjectivos e objectivos. A loucura é sonhar accordado sem dar por [15'] isso.

No homem normal, os motivos da acção são normaes e as maneiras de executar são normaes tambem. O homem normal é vulgar nos seus motivos de acção e banal na maneira de os executar. No homem anormal, mas não louco, ou os motivos são anormaes e a execução é normal, ou os motivos são normaes e a execução é anormal.⁵

No homem normal ha uma adaptação entre o motivo e a execução; no anormal ha uma desadaptação; no louco ha uma adaptação falsa.⁶

No homem normal, os motivos da acção são normaes e os processos normaes tambem; ha uma adaptação de uns a outros. No homem anormal, mas não louco, os motivos são anormaes e os processos correspondentemente anormaes; ha a mesma adaptação entre uns e outros. No louco esta adaptação cessa; e, quer os motivos sejam normaes ou anormaes, e os processos normaes ou anormaes, ou temos um motivo normal com um processo anormal, ou temos um motivo anormal com um processo normal, ou temos um motivo anormal com um processo anormal tambem, mas não ajustado a esse motivo.

Vou-lhe dar um exemplo, onde isto lhe surgirá claro. Um individuo vae por uma rua fóra, e um outro, ao passar, pisa-lhe um pé. O homem normal sente a dor, protesta e irrita-se mais ou menos, conforme o seu temperamento particular, mas a sua irritação não excede um certo limite. O homem anormal — se a sua anormalidade é d'essa ordem, bem entendido —, irrita-se violentamente e ou descompõe o pisador com uma excessividade que o caso não justifica, ou, até, e sem mais, se atira ao offendent. Aqui a anormalidade consiste no excesso de irritação sentido, mas, admittido esse excesso de irritação, a violencia está perfeitamente de accordo com elle; porque o homem normal, se tivesse sentido esse excesso de irritação, agiria do mesmo modo. Supponhamos, porém, que o individuo pisado se irrita, cala a sua irritação, fixa o individuo que o pisou, e segue meditando naquillo, chegando por fim a construir dentro de si uma longa historia em que o transeunte casual é emissario de determinados inimigos seus que o encarregaram de lhe pisar um pé para lhe escangalhar o dia, ou para o

molestar. Aqui a reacção ao estímulo exterior está inteiramente fóra de conformidade com o estímulo.

Estou me referindo, é claro, a um typo especial de loucura. O pisado⁷ pode ser louco e reagir simplesmente como um homem normal, ou como o homem simplesmente anormal; é que a sua loucura não é de espécie a reagir loucamente num caso d'estes.

[16^o] No caso d'essa mulher, o que faria uma mulher normal? Procuraria obter a carta por um meio normal; falhando isso, desistiria de a obter e ou confiava que nada resultasse, ou se resignava ao destino que lhe cahira em cima: poderia, até, numa exaltação temporaria, fugir ou suicidar-se. Seria um episodio anormal dentro da normalidade, mas a anormalidade viria das circunstancias, não da pessoa.

No caso d'essa mulher, o que faria uma mulher anormal? Dada a gravidade do caso, agiria de um modo extravagante e anormal, mas consentaneo com a sua perturbação. Em outras palavras, agiria como a mulher normal, mas excessivamente. Ou fugiria ou se mataria logo, antes mesmo de ver nitidamente o desastre; ou tentaria obter a carta por artes de fascinação e seducção, arranjasdas lá como entendesse e sob a pressão da gravidade do assumpto; ou roubaria a carta por um golpe de audacia arriscado; ou ministraria qualquer droga ao marido, para lhe tirar as chaves do cofre e roubar a carta. Reagiria como uma pessoa normal, apenas com mais audacia, com mais tensão, ou mais subtileza.

No caso d'essa mulher, o que faria uma mulher louca? No caso da loucura de depressão, não faria nada. No caso da loucura de perturbação, ou endoideceria mais, ou endoideceria de vez, se não estivesse ainda plenamente louca; *no caso da loucura lucida, procuraria ou complicar o assumpto por qualquer estratagem absurdo e prolixo, ou procuraria roubar a carta por qualquer estratagem extravagante mas banal*⁸. Mas banal, meu caro Guedes: chamo a sua attenção para isso. A manha do louco é complexa, subtil, mas sem originalidade. Isto vê-se bem nas composições litterarias dos alienados: são extravagantes de idéas ou de expressão, mas, no fundo, de uma grande banalidade. E assim se comprehende que deva ser; é nas espheras mentaes superiores que se elabora a originalidade, e são precisamente as espheras mentaes superiores que são atacadadas pela loucura. Restam as espheras mentaes inferiores, cuja actividade é puramente imitativa.

— Mas então, doutor...

— Exactamente... V. vae dizer que o acto d'esta mulher não está em nenhum dos trez casos, que nem é o acto de uma mulher normal, nem de uma mulher anormal, nem de uma mulher louca.

— Exactamente, mas então que diabo...

— Ora é esse mesmo o ponto que eu⁹ quiz tornar claro — que o acto d'esta mulher não está conforme com nenhum dos tres typos de mentalidade humana. É anormal num outro sentido — no sentido logico, e não psicologico, por assim dizer¹⁰.

Quaresma reaccendeu o charuto, emquanto o Guedes não tirava d'elle a expressão attenta dos olhos.

[17] — Se esta mulher procedeu de uma maneira que se não conforma com nenhum dos tres typos de mentalidade humana, é que está presentemente fóra d'esses tres typos. Quer isto dizer que está em qualquer ponto intermedio entre dois d'esses typos. Ora quaes são os caracteristicos distinctivos do processo que ella empregou para roubar a carta? São, evidentemente, *a extravagancia desnecessaria, e a perfeita habilidade, ou manha*, com que essa extravagancia foi posta em prática. A extravagancia desnecessaria é o caracteristico do acto anormal. A habilidade, ou manha¹¹, póde ser caracteristica da normalidade ou da loucura. Em ambos os casos, porém, a manha é banal; e aqui a manha foi banal; a extravagancia está no processo, pois a habilidade com que elle foi posto em prática não sahe da banalidade. Chamo a sua attenção para este facto: a habilidade em levar o marido a sahir com ella nesse dia, o apparato todo de pôr a carta em cima da mesa, recommendar cuidado á creada, e tudo o mais, são actos de manha banal; simplesmente se ajustam a um processo anormal fundamental. Mas a manha banal do individuo normal e a manha banal do louco differem num ponto: a manha banal do normal é banal porque o normal usa processos banaes, e porisso os põe em practica banalmente; a manha do louco é banal porque a ruina mental lhe não permite o emprego da originalidade. E a manha do louco ajusta-se sempre a processos loucos¹² ou a motivos loucos. Aqui temos, pois, ou uma manha¹³ banal juntando-se a um processo anormal, ou uma manha de louco juntando-se a um processo anormal. Ora a manha é um emprego da intelligencia, e o emprego da intelligencia differe, do homem normal para o louco, em que no louco ella serve apenas para dar expressão á loucura, ao passo que no homem normal ella é não só expressiva mas inhibitiva, pois são essas, salvo no louco — onde a inhibição acabou —, as duas funções da intelligencia. Se, portanto, a manha d'esta mulher fôsse normal, o primeiro resultado seria rejeitar o processo extravagante de roubar a carta, inhibir o impulso que suggeria que ella a roubasse assim. Como não foi isto que succedeu, como a manha foi só expressiva e não foi inhibitiva¹⁴ tambem, verificamos que o acto d'esta mulher é um acto de uma pessoa que está no ponto intermedio entre a anormalidade e a loucura.

— Optimo! Disse o Guedes.¹⁵

— Ora, meu caro Guedes, não ha classe¹⁶ mental intermedia entre a anormalidade e a loucura.

— Bonito! exclamou o Chefe. Esse ultimo bocado¹⁷ é que está clarissimo!

— “Vae ver que está”, respondeu Quaresma, rindo. “Não ha classe intermedia entre a anormalidade e a loucura, porque não ha ponto fixo entre as duas. O espaço entre as duas é dynamico e não estatico. Estar entre a anormalidade e a loucura não quiere dizer estar entre a anormalidade e a loucura: quiere dizer estar passando da anormalidade para a loucura. Este facto, meu caro Guedes, é o ultimo acto racional d’essa pobre mulher. [18^o] Em qualquer caso, a paranoia seria inevitavel, mas creio que este incidente da carta a fará eclodir mais cedo. O mais grave do caso é o exito do roubo.

— Essa é boa, porquê?

— Porque vae intensificar a exaggerada autophilia que é um dos phenomenos mentaes onde a paranoia assenta. Essa mulher está hoje cheia de jubilo do que conseguiu fazer. Sente-se cada vez mais isoladamente superior¹⁸ a todos na familia. A sua tendencia para mandar e dominar vae aggravar-se de hoje em deante. O allivio é desinhibidor.¹⁹ Essa maior pressão de dominio vae levantar opposições — brandas ou não, mas vae levantall-as. Gradualmente a vida familiar se irá tornando mais difficil; essas opposições e resistencias, por brandas que sejam, ir-se-hão accentuando, e sobretudo se irão accentuando para aquella alma concentrada em si mesma. Ella apertará mais a pressão; as resistencias augmentarão, por brandas que sempre sejam. E então essa mulher sentirá francamente (no periodo de estudo, como se diz) que²⁰ tem em seu torno só inimigos. Entrará a pensar o que é que elles lhe quererão fazer. E a paranoia entrará então na phase persecutoria. Em outras palavras, a loucura²¹ estará declarada.

— É uma felicidade para a familia, não haja duvida! disse o Sr. Guedes. — O que vale é que a mettem num manicomio e prompto.

— Não é tão prompto como você julga. Em primeiro lugar, na paranoia não se dá com a cabeça nas paredes, nem se dizem disparates. O espirito, centralmente viciado, está perfeitamente lucido na sua superficie; o raciocinio, sobretudo, por cuja ausencia ou perturbação²² a maioria dos leigos mede a loucura, estará intacto. Simplesmente, raciocinará sempre sobre dados falsos, provenientes de um estado allucinatorio central. Ella irá para um manicomio, sim, mas só depois²³ de exame clinico que naturalmente se seguirá pelo assassinio²⁴ que ella practicar, /ou (oxalá que assim seja) apenas tentar²⁵ practicar./

— O quê? O doutor prevê que ella tente matar alguém?

— Tenho a certeza absoluta. Pelo menos de que tentará matar; mas creio que só uma circumstancia muito excepcional evitará o exito da tentativa de morte.²⁶ A força da mentalidade d’ella, a habilidade real que ella tem, são os caracteristicos, não do simples perseguido, mas do perseguido-perse-

guidor, isto é, do perseguido criminoso. Os característicos do perseguido-perseguidor são, até, durante a crise, singularmente parecidos com os característicos permanentes do assassino typico.²⁷ Repare você: o espirito d'ella continuará lucido, a manha perfeitamente de saude. Ora imagine você uma criatura que engendrou este roubo da carta a applicar essa mesma manha a assassinar alguém.

O Chefe Guedes passou a mão pela testa. — Caramba!, disse. “É animador”. Ainda bem que não sou da casa.²⁸ [19'] ... E em quem é que esse diabo²⁹ dá o tiro?

— Não dá tiro nenhum. A arma será o veneno.

— A mais sympathica de todas... Arre, que anjo!... Mas porquê o veneno³⁰, ó doutor?

— Você comprehende: uma coisa é a mentalidade typica do louco — neste caso a do paranoico — outra coisa são as qualidades tempermentaes da pessoa, independentemente da sua loucura e das qualidades especiaes provenientes d'essa loucura. Assim como ha loucos altos, baixos, louros e morenos, assim ha loucos violentos por temperamento, e loucos astutos por temperamento. Evidentemente, que a operação da loucura, sendo em uns e outros identica quanto aos resultados geraes, attingirá esses resultados geraes por meios provenientes do temperamento particular e pessoal de cada louco³¹. Esta mulher tem a mentalidade que acabará na paranoia de perseguido-perseguidor. Por esse lado³² a sua mentalidade leval-a-ha ao assassinio, de mais a mais que a sua dureza, a sua frieza naturaes intensificam a amoralidade d'esse typo de loucura. Mas, e aparte isso, ella é por temperamento, não uma expansiva e violenta — poderia sel-o — mas³³ uma concentrada e uma astuta. (Este proprio caso da carta nol-o mostrou sufficientemente.) Quando ella, portanto chegar ao ponto de loucura necessario para querer matar, para achar necessario matar (necessario para ella)³⁴, ella buscará o modo de matar consentaneo com a astucia e a subtileza, e esse modo é o veneno, que ella obterá com grande facilidade, dada essa mesma astucia. Accresce que, sendo mulher, tenderia já, por sexo, para as fórmias de crime caracteristicas d'esse sexo, e o veneno, a droga, é a arma que mais facilmente ocorre ao sexo astuto³⁵.

— E a quem envenenará ella, doutor? O seu raciocinio pode chegar até ahi?³⁶

— Não sei bem se chega, Guedes. Mas quero crer que posso ir até ahi. Envenena³⁷ o marido.

— Pobre diabo! E isso depois de o trahir e de lhe ir de aqui em deante azedar toda a vida, não é verdade?

— Sim, mas creio bem que, sendo quasi fatal a conclusão de que ella chegará ao assassinio, é de concluir que matará o marido. Creio, até, que

não só tentará, mas conseguirá.³⁸ Vejamos bem. É ao marido que ella está ligada, e é portanto no marido que ella verá a maior opposição para começar a imaginar inimizades. É libertando-se do marido que ella se sentirá livre. É ao marido a quem ella mais domina, e em cuja resistencia sentirá mais viva a inimizade supposta. As resistencias alheias — da creada, do proprio petiz, de quem quer que mais seja — ella as attribuirá a manobras do marido incapaz d'ellas, supponho, mas isso não importa³⁹. Além d'isso ella não gosta d'elle. Tudo isso se concentrará num proposito firme que, não tenho duvida nenhuma, ella executará com uma grande segurança e firmeza. A paranoia não prejudica os movimentos mentaes...

— Foi uma bonita descoberta do Creador! Disse asperamente o Guedes, “e, realmente, é⁴⁰ muito agradavel a gente estar aqui a contemplar a frio o assassinio de um pobre diabo que⁴¹ não tem outra culpa senão ser parvo e ter casado com [2o] esse estupor. Arre, que já é azar!”

— Mas o que é que você quer fazer?

— Nada. Que hei de eu fazer? Não se póde agora ir avisar o homem...

— Sim. É impossivel avisal-o. Estamos atados ao Destino. Não há nada a fazer...⁴²